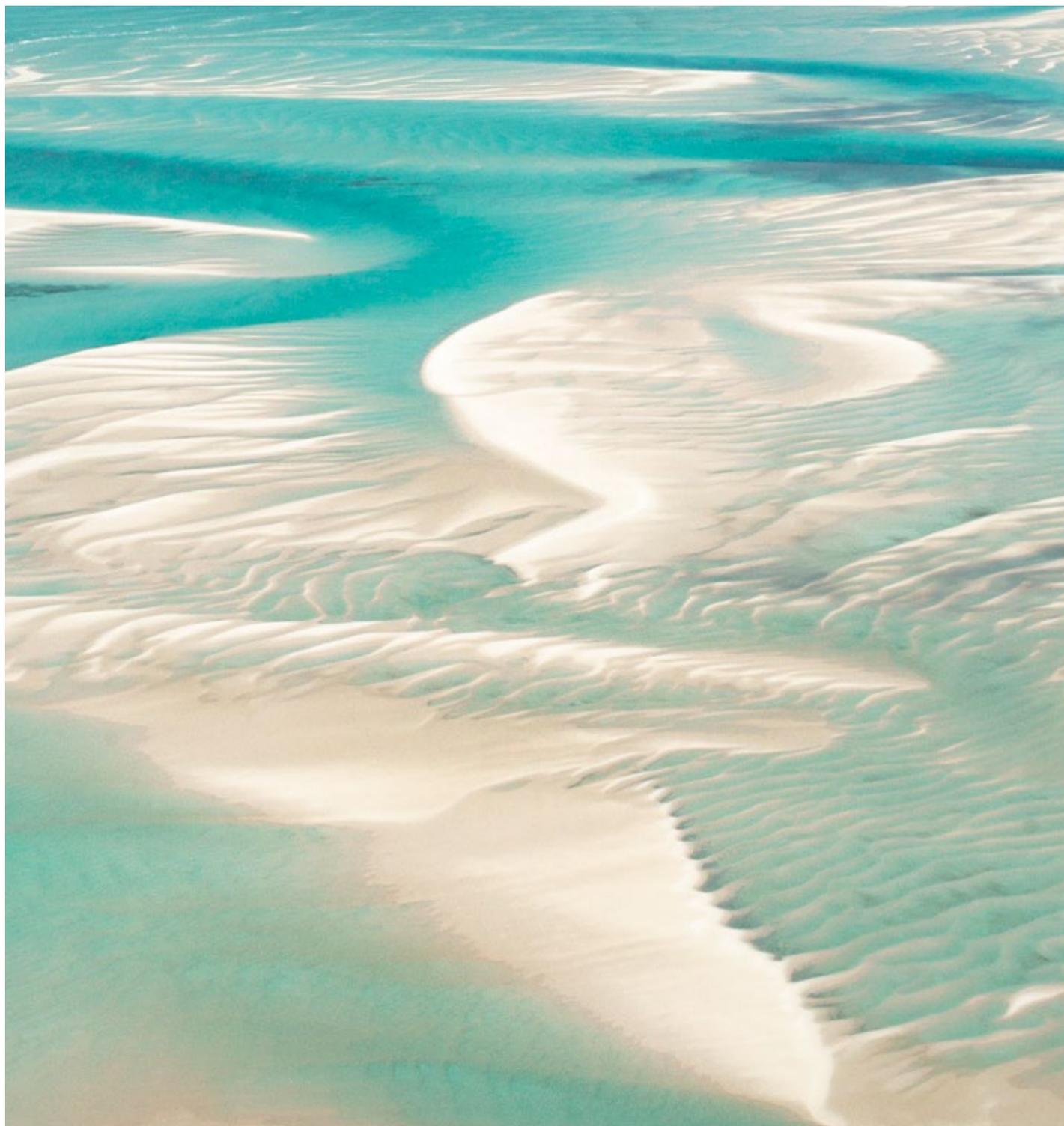


UNQUIET



C6 Yellow.

Seu filho aprender
finanças junto
com você
é extraordinário.

C6 BANK

uma sociedade com JPMorganChase

Para uma vida **extraordinária**



Baixe o app
e abra
sua conta





ALL NEW
OUTLANDER
O HÍBRIDO CARREGADO DE LUXO



AR-CONDICIONADO DE 3 ZONAS INDEPENDENTES



CORTINA RETRÁTIL NAS JANELAS TRASEIRAS



ADAS: SISTEMAS AVANÇADOS DE ASSISTÊNCIA AO MOTORISTA



11 AIRBAGS



8 ANOS DE GARANTIA DA BATERIA



CENTRAL MULTIMÍDIA DE 9" E CÂMERA 360°

Com motor 2.4L a gasolina aliado a dois motores elétricos, o Outlander PHEV entrega 252 cv de potência e torque imediato para uma condução ágil e eficiente. O sistema híbrido plug-in permite rodar no modo 100% elétrico, recarregar a bateria em movimento e aproveitar a frenagem regenerativa para maior autonomia. A tração 4x4 Twin Motor S-AWC distribui o torque de forma inteligente, garantindo estabilidade e confiança em qualquer terreno, unindo tecnologia e segurança em cada trajeto.

Faça o test-drive e descubra.

www.outlander.com.br

4X4
É MITSUBISHI

8 ANOS
DE GARANTIA
DA BATERIA



Sumário

016	360 – Refúgios urbanos, escapadas rurais e viagens com alma
038	48 Horas – Vida cultural pulsante, história e estilo na Cidade do Cabo
042	Sustentabilidade – Centro de Saberes da Floresta, o novo sonho da Casa do Rio
046	Festivais – Kukur Tihar: um dia em homenagem aos cães durante festival no Nepal
048	Biblioteca – Maria Homem conduz uma viagem pela obra de Clarice Lispector
054	Check-In – Bagagem em dia com a tecnologia e com os propósitos da natureza
056	Brasil – Casa Patacas: dias de imersão nos Lençóis Maranhenses
068	Cultura – Ecos do passado, os sons e as cores da vibrante Havana
080	Arte – Memória e pertencimento em um novo museu de Rotterdam
090	Esporte – <i>Trekkings</i> , cavalgadas e vivências milenares no Quirguistão
100	Bem-Estar – Dias de reconexão, natureza e idílio nas Cataratas do Iguaçu
110	Proudly – Orgulho e segurança lapidam a identidade <i>queer</i> de Antuérpia
114	Ensaio – Fotos que contam histórias, transformam vidas e eternizam sorrisos
120	Gastronomia – Os sabores da floresta e da terra em Soure, capital do Marajó
128	Aventura – Uma jornada em busca dos vestígios da Civilização Maia
140	Especial – Beleza bruta e simplicidade essencial em Moçambique
152	Crônica – O prazer de viver uma vida UNQUIET, por Corinna Sagesser
154	Inspiradores – Luís Fernando Veríssimo, cronista e viajante do tempo

Fibra+ TV

Condomínios

Manter você
CONECTADO
é a nossa natureza.

Vivencie a melhor experiência
Vivo para os condomínios:

Baroneza	Iporanga	Terras I e II
Boa Vista	Riviera	Trancoso
Gramma	São Pedro	Veleiros de Ibiúna
Haras Larissa	Tabatinga	Vila Real
Ilhabela	Taguaíba	E outros

Pedro Andrade,
apresentador, jornalista
e embaixador Vivo.

Atendimento exclusivo
para moradores aqui.

“Viajar é fazer uma jornada para dentro de si mesmo”

Dena Kaye



UNQUIET
Movement is life

PUBLISHER

Corinna Sagesser

Diretor Editorial

Fernando Paiva (in memoriam)

Diretor Executivo

André Cheron

Diretora de Conteúdo

Nathalia Hein

Consultor

Erik Sadao

Diretor Comercial

Ricardo Battistini

Diretor de Arte

Ken Tanaka

Editor de Arte

Raphael Alves

Gerente de Marketing e Conteúdo Digital

Luciana Lancellotti

Coordenadora Digital

Patricia Poli

Produtora de Conteúdo Digital

Karina Perussi

Projeto Gráfico

Ken Tanaka e Raphael Alves

Gerentes de Contas e Novos Negócios

Mirian Pujol e Ney Ayres

Colaboraram neste número

Texto: Carolina Sagesser Rodrigues, Corinna Sagesser, Constance Escobar, Daniel Nunes Gonçalves, Erik Sadao, Francisco Bosco, Jeff Ares, Karina Oliani, Luciana Lancellotti, Luiz Maciel, Mari Campos, Maria Homem, Nathalia Hein e Zeca Camargo

Fotos: Alamy, Andrei Polesi, Daniel Nunes Gonçalves, Erik Sadao, Getty Images, Istock Images, Juliana Beu Manzano, Paulo Cesar, Paulo Moura, Raquel Bastos, Ricardo Lopez, Ricardo Thomaz e Victor Collor

Ilustração: Antonio Tavares e Claudia Proushan

Revisão: Paulo Kaiser

CAPA

Victor Collor

Custom Editora Ltda.

Av. Nove de Julho, 5.593, 9º andar – Jardim Paulista
São Paulo (SP) – CEP 01407-200
Tel. (11) 3708-9702
revistaunquiet@customeditora.com.br

Assinaturas revistaunquiet.com.br/assine

A versão digital está disponível no site revistaunquiet.com.br



Hub de conteúdo: A Editora Custom presta serviços de *branded content* para empresas, produzindo e publicando conteúdos customizados em todos os canais da marca UNQUIET.



Editorial



Cinco anos se passaram desde o lançamento da primeira edição da UNQUIET. O que nasceu como o sonho de uma viajante inquieta tornou-se realidade, uma publicação que viaja o mundo, cruza fronteiras e, a cada página, compartilha o que realmente importa: o que se vive.

Viajar me transformou. Cada cultura, cada pessoa, cada paisagem, sabor ou aroma me ensinaram algo novo. Como já dizia Gabriel García Márquez: “Quando percebi que a única coisa que levamos da vida é o que vivemos, comecei a viver aquilo que quero levar”. E é exatamente isso que celebramos nesta edição especial de aniversário.

Viajamos pelo planeta em busca de destinos únicos e experiências que marcam. No Arquipélago de Bazaruto, em Moçambique, nos perdemos nos tons surreais de azul e verde de uma natureza ainda intocada. Em Cuba, nos deixamos levar por uma atmosfera de nostalgia, cultura vibrante e musicalidade arrebatadora. Cruzamos a cavalo as montanhas do Quirguistão, país de tradições milenares e horizontes abertos.

E na nova capital europeia da arte e da vanguarda, Rotterdam, visitamos o novíssimo Fenix, um museu dedicado à história da migração humana, uma ode à coragem de partir rumo ao desconhecido.

Fizemos uma pausa para cuidar do corpo e da mente em meio à força natural das Cataratas do Iguaçu. Passamos 48 horas intensas na Cidade do Cabo, uma das cidades mais extraordinárias do planeta, com dicas preciosas para quem quer mergulhar de cabeça nesse destino multifacetado.

Nos passos de Indiana Jones, seguimos a Rota Maia por Belize, Guatemala e México, uma viagem no tempo repleta de ensinamentos ainda tão atuais. No Brasil, exploramos a Ilha de Marajó e sua rica gastronomia, um reflexo da diversidade cultural do nosso país, e vivemos momentos inesquecíveis na comunidade de Patacas, nos Lençóis Maranhenses, onde a vida pulsa em meio a dunas de areia branquíssima e natureza intocada.

E seguimos. Porque é nas viagens que encontramos o que há de mais essencial: descobrimos o mundo, os outros e a nós mesmos.

Que a UNQUIET siga inquieta, curiosa, criativa, cruzando fronteiras, revelando mundos e nos lembrando, a cada edição, que viajar é um jeito bonito de viver mais de uma vida.



CORINNA SAGESSER
PUBLISHER

Stay alive.
Be Unquiet

DICAS DIÁRIAS:

@revistaunquiet
/revistaunquiet

/revistaunquiet
revistaunquiet.com.br

Baixe o app
e abra
sua conta



Conhecer o mundo
com o C6 Bank é
extraordinário.

C6 BANK

uma sociedade com JPMorganChase

Para uma vida **extraordinária**

Tech & Soul

Colaboradores



Francisco Bosco é ensaísta, letrista de canção popular e doutor em teoria da literatura pela UFRJ, autor de publicações como *Meia Palavra Basta* e *O Diálogo Possível: Por uma Reconstrução do Debate Público Brasileiro*. Foi colunista da revista *Cult* e do jornal *O Globo* e presidente da Fundação Nacional de Artes (Funarte). Atualmente apresenta o programa de TV *Papo de Segunda*. Sua viagem para Cuba é tema da seção Cultura nesta edição.



Karina Oliani é médica especializada em *wilderness medicine*, aventureira, ativista socioambiental e embaixadora da WWF Brasil. Seus feitos incluem mais de 5 mil mergulhos logados pelos cinco oceanos, além de ter sido a única sul-americana a escalar o Everest pelas suas duas faces, a norte e a sul. Em 2019, tornou-se a primeira brasileira a conquistar o K2. Nesta edição, desbrava o Quirguistão para a seção Esporte.



MARESSA ANDRIOLI

Psicanalista, palestrante e escritora, **Maria Homem** é pesquisadora do Diversitas/USP e professora com pós-graduação em psicanálise e estética pela Universidade de Paris VIII/Collège International de Philosophie e FFLCH/USP. Além de atuar como colunista de jornais e revistas, é autora de diversos livros, como *Lupa da alma* e, em parceria com Conrado Calligaris, *Coisa de menina?* e *Coisa de menino?* Ela assina a seção Biblioteca desta edição.



Andrei Polessi é artista gráfico, fotógrafo e escritor. Ele sempre escolheu destinos pouco convencionais pelo mundo. Essa é sua ferramenta poderosa de autoconhecimento e conexão humana: “Reconhecer o outro – na pluralidade das diferentes culturas – nos torna mais humildes, inclusivos e empáticos”. É autor do livro *Rascunho: Paisagens Humanas*, em que retrata Índia, Nepal, Butão, Uganda e Etiópia, além do Brasil. São dele as imagens do Ensaio deste número da UNQUIET.



VICTOR COLLOR

Nascida em Caraguatatuba, com seus primeiros anos de vida vividos em Ilhabela, no litoral paulista, **Carolina Sagesser Rodrigues** encontra nas paisagens com água seu refúgio. Estar nelas é onde ela encontra presença e acalma a mente inquieta. Outro fator é responsável pela saída de órbita: conhecer as pessoas simples e conectadas com essas terras. Nesta edição, ela escreve sobre duas passagens: o Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses, em uma viagem de imersão profunda pela região, e seu retorno à Ilha de Benguerra, em Moçambique.



Victor Collor é fotógrafo e diretor criativo, com atuação marcada pela construção de narrativas visuais sofisticadas e atemporais. Seu portfólio abrange projetos de moda, *lifestyle*, hospitalidade e produções autorais. Ao longo de sua trajetória, ele desenvolveu uma abordagem estética com sensibilidade artística, o que resulta em imagens que traduzem identidade e propósito, que você confere nas imagens da matéria de Moçambique na seção Especial de aniversário.



Mari Campos é viajante da vida toda. Desde cedo na estrada, é formada em jornalismo, especializou-se em turismo e hotelaria de luxo e há duas décadas escreve sobre esse nicho para diferentes publicações no Brasil e no exterior. Já esteve em todos os continentes, realizou o sonho da volta ao mundo, mas acha que a melhor viagem é sempre a próxima. Aqui ela escreve sobre a bela jornada de Bem-Estar que descobriu entre a exuberância da Mata Atlântica e a força das águas no entorno argentino das Cataratas do Iguazu.



A cultura dos povos originários sempre fascinou **Daniel Nunes**, autor da reportagem especial sobre a Rota Maia, da seção Aventura. Desde que descobriu os prazeres da estrada, aos 16 anos, este jornalista e professor paulistano, mestre em narrativas contemporâneas de viagem, já mergulhou em experiências para escrever sobre vários povos, como os incas, do Peru, os maoris, da Nova Zelândia, os rapa nui, da Ilha de Páscoa, e os ainus, do Japão.



A MELHOR SURPRESA DA SERRA

Uma jornada de 4x4 para desvendar os cânions menos conhecidos, apesar de belíssimos, no trecho mais alto da Serra Gaúcha

POR LUIZ MACIEL

São poucos os visitantes de Gramado e Canela que se dispõem a enfrentar os 115 km de estrada poeirenta até Cambará do Sul, na entrada principal do Parque Nacional de Aparados da Serra, onde ficam os cânions de Itaimbezinho e Fortaleza – embora as belas imagens desses desfiladeiros estampem qualquer folheto turístico do Rio Grande do Sul. Menos ainda são os que arriscam esticar a viagem até São José dos Ausentes, que fica a 53 km de Cambará, no rumo norte, para conhecer outra série de cânions, tão impressionantes quanto, mas que permanecem praticamente anônimos, fora dos circuitos tradicionais feitos de ônibus e vans.

Além de ser a mais gelada do extremo sul, registrando ao menos uma nevasca anual, a região dos Campos de Cima da Serra de São José é a mais

alta, formada por uma sucessão de morretes – que os gaúchos preferem chamar de coxilhas –, interrompidos aqui e ali por nada menos de oito abismos naturais. O mais impressionante deles é o do Monte Negro, cuja borda tem quase 1 km e fica ao lado do morro de mesmo nome, de 1.403 m de altitude, ponto culminante do estado gaúcho. Dali é possível avistar, nos dias sem névoa, boa parte da serra de Santa Catarina, até o litoral. Se tiver fôlego, vale a pena subir ao topo do monte para ter uma foto ainda mais panorâmica.

São José dos Ausentes tem apenas 3,3 mil habitantes, mas estrutura suficiente para abrigar os viajantes dispostos a explorar suas belezas naturais, que incluem também uma série de riachos e quedas-d'água ao longo das estradinhas que cortam a região. A pousada Monte Negro (fazendamontenegro.com.br),

Acima, em sentido horário, o Mitsubishi Outlander Híbrido Plug-in, a Cachoeirão dos Rodrigues, em São José dos Ausentes, e trecho da BR-285, estrada que liga as cidades de Bom Jesus e São José dos Ausentes. Na página ao lado, as belezas do Cânion Montenegro

FOTOS WIKIMEDIA COMMONS, ISTOCK E DIVULGAÇÃO

no distrito de Silveira, oferece até uma suíte Super Luxo, com lareira e banheira – se estiver interessado, reserve com antecedência, porque é única. Vale provar também produtos caseiros preparados ali, como a linguiça de pinhão e o queijo serrano.

Outras boas opções de hospedagem, embora mais simples, são a Fazenda Potreirinhos (fazendapotreirinhos.com.br) e a Pousada Altos da Serra (facebook.com/AltosdaSerraRS). A primeira serve trutas saborosas e um farto café colonial, enquanto a segunda é conhecida pelo carreteiro de charque.

Trocar o bufê de almoço nas pousadas por um piquenique à sombra de uma araucária – sim, algumas ainda estão de pé – pode ser uma boa ideia para aproveitar melhor o tempo. Nesse caso, abasteça seu veículo com os comes e bebes de sua preferência e garanta a conservação deles na temperatura adequada.

Os cânions de São José dos Ausentes ficam um pouco distantes da cidade, o que significa ser necessário cruzar algumas fazendas – e abrir porteiros – para chegar até eles. Todos valem a visita, principalmente quando se tem à mão um Mitsubishi 4x4, que não estranha caminhos.

Tendo optado pelo piquenique, pode-se passar a manhã explorando o Cânion Monte Negro, por exemplo, e depois conhecer o Desnível de Rios, um curioso local onde os Rios Silveira e Divisa correm a poucos metros um do outro, mas com uma diferença de altura de 18 m. E encerrar o dia se refrescando no Cachoeirão dos Rodrigues.

O Amola Faca, como o nome sugere, é outro cânion cortado com capricho pela natureza. Com acesso bastante esburacado e mal sinalizado, é praticamente uma exclusividade de quem explora a região a bordo de um 4x4. Fica a 33 km de São José, sendo que o quilômetro final tem de ser feito a pé. O terceiro cânion imperdível é o Boa Vista, que tem duas cachoeiras bem altas nas proximidades. É um irrecusável convite ao mergulho nos dias mais quentes. 📍

C6BANK

APRESENTA

360º

No ritmo da natureza no Quênia, hospitalidade artesanal britânica, um refúgio japonês na ilha de Okinawa, luxo despojado em Formentera, estilo, arte e criatividade no novo spot de Marrakesh, design e sustentabilidade na África do Sul, dias selvagens no Canadá, um paraíso para dois em Alagoas e o novo resort de Aspen

POR NATHALIA HEIN



Continue viajando nas nossas dicas 360º

Aponte a câmera do seu celular para o QR code ou acesse revistaunquiet.com.br/dicas



&BEYOND SUYIAN LODGE

Na região selvagem de Laikipia, no Quênia, o Suyian Lodge representa a nova geração do luxo consciente na África. Fruto da parceria entre a &Beyond e a Space for Giants, o lodge está situado em uma reserva privada de 44 mil acres, que é o lar de uma das maiores concentrações de fauna do país fora da reserva Masai Mara. A paisagem se alterna entre savanas douradas, florestas densas e formações rochosas, o cenário perfeito para encontros raros com leopardos, cães selvagens africanos e elefantes. Sua arquitetura escultural, inspirada nos *kopjes* de granito e coberta por vegetação nativa, abriga apenas 14 suítes, que se fundem à paisagem, com piscinas privativas e deques panorâmicos. A gastronomia celebra ingredientes locais e receitas sazonais em jantares ao ar livre sob o céu estrelado, enquanto o bar circular e as áreas de convivência refletem o artesanato e a estética quenianos. As experiências seguem o ritmo da natureza: safáris a pé ou de camelo, voos panorâmicos, pesca e imersões culturais com as comunidades Samburu e Pokot. Em cada detalhe, o Suyian combina design integrado ao entorno, práticas regenerativas e impacto positivo.

andbeyond.com





HOSHINOYA TAKETOMI ISLAND

A poucos minutos de barco de Okinawa, a Ilha de Taketomi, habitada por apenas 350 pessoas, preserva o ritmo de um Japão quase intocado. É nesse cenário que o Hoshinoya Taketomi recria, com rigor e sensibilidade, uma vila tradicional: telhados de cerâmica vermelha, muros baixos de pedra e pátios cobertos de areia coralina. Cada uma das vilas é um refúgio silencioso, aberto à luz e às brisas do Pacífico, com interiores que equilibram tatames, madeira e banheiras fundas de imersão. O cotidiano se desenrola

em outro compasso – o som dos búfalos-d’água nas ruas puxando carroças, o caminhar descalço até a praia de areia branca, o entardecer refletido na piscina central. À noite, o restaurante, conduzido pelo *chef* Tatsuo Nakasu, revela a essência de Okinawa em pratos de Nouvelle Ryukyu, que unem a delicadeza francesa à identidade local. Uma imersão na hospitalidade japonesa e na serenidade de um lugar onde o tempo parece repousar em um ritmo próprio.

hoshinoresorts.com



THE GILPIN HOTEL & LAKE HOUSE

Segure o fôlego. O cenário é digno de um longo suspiro de puro encantamento. Entre colinas verdejantes e lagos plácidos do Lake District National Park, o Gilpin Hotel & Lake House traduz o conceito de hospitalidade artesanal britânica. Propriedade da família Cunliffe e membro da Relais & Châteaux, o hotel é dividido em duas propostas. No corpo principal, 30 suítes e *lodges* com spas privativos, sauna e banheira a céu aberto oferecem conforto absoluto. Já o Lake House, a 1 km dali, preserva uma atmosfera de retiro bucólico, com apenas seis quartos, piscina, sauna e banheiras externas voltadas para o lago particular. O spa propõe experiências enraizadas na região, como massagens e terapias realizadas em uma sala elevada com vista para a paisagem. Na gastronomia, o restaurante Source, comandado pelo *chef* Ollie Bridgwater, apresenta um menu de precisão contemporânea e sabor local, enquanto o Gilpin Spice celebra influências pan-asiáticas em um ambiente vibrante. Um conceito de estadia que combina bem-estar e gastronomia exótica.

thegilpin.co.uk



Foto: Marco Antonio



ROBERTO CIMINO E NELSON AMORIM SHOWROOM 2025

beach & country
artefacto



DUNAS DE FORMENTERA

Entre as areias das idílicas praias de Migjorn e El Caló, em Formentera, o Dunas de Formentera surge como o primeiro *eco-luxury resort* dessa ilha espanhola. Ao combinar sofisticação e sustentabilidade, o projeto priorizou a simplicidade e a natureza – exuberante por si só. Com 45 suítes e bangalôs integrados à paisagem, ele oferece interiores em tons terrosos, materiais orgânicos e janelas que emolduram o azul intenso e cristalino do Mediterrâneo. A piscina de água salgada e o restaurante Caliu, com pratos preparados em fogo aberto, completam a experiência sensorial. Entre os diferenciais estão o compromisso com as práticas ecológicas, como o uso de produtos biodegradáveis, a gestão de resíduos e o incentivo à economia local. Formentera, com suas praias intocadas e seu céu estrelado, convida à reconexão com a natureza e ao verdadeiro descanso, mas ainda bem perto do agito e do glamour de Ibiza no verão.

dunasdeformentera.com



BALLYFIN

Entre colinas cobertas de urze e cercado por 614 acres de jardins, bosques e lagos privados, o Ballyfin Demesne, na Irlanda, é a quintessência da elegância campestre. Mais que um hotel, é um raro exemplo de restauração histórica impecável – uma casa georgiana do início do século XIX, devolvida à sua antiga glória graças a um trabalho meticuloso conduzido pelo designer Colin Orchard. Joia impecável do condado de Laois, aos pés das Montanhas Slieve Bloom, o hotel faz cada ambiente parecer suspenso no tempo: papéis de parede franceses, mobiliário antigo e obras de arte que narram séculos de tradição anglo-irlandesa em quartos que sussurram história. A experiência é de um luxo discreto e profundamente personalizado. Os quartos variam entre o esplendor dourado do Westmeath Room e o charme rústico do Gardener's Cottage, com lareiras acesas, cortinas pesadas e uma atmosfera de refúgio íntimo. A gastronomia, comandada pelo *chef* Sam Moody, celebra o *terroir* local com ingredientes cultivados nos jardins murados da propriedade e mel das próprias colmeias. Serviço impecável, passeios guiados pela casa, piqueniques à beira do lago e trilhas pelos campos fazem parte da rotina dos hóspedes.

ballyfin.com



Cuidamos do futuro que você está construindo.

Itaú Private Bank. Eleito 16 vezes
Outstanding Private Bank.
Inspirado em você, que constrói um
legado de valor e significado.



Private Bank



JNANE RUMI

A sensação é de testemunhar uma silenciosa revolução criativa da arte de hospedar por meio de um manifesto ao bom gosto, ao design, à cultura e à hospitalidade. Instalado no Triângulo de Ouro de Marrakech, no Marrocos, o Jnane Rumi está longe o suficiente do agito, mas perto o bastante da vibrante medina. Reimaginada pelos holandeses Gert-Jan e Corinne van den Bergh, a antiga residência do sociólogo Paul Pascon combina o legado arquitetônico e uma restauração precisa. Entre colunas, arcos árabes e jardins pontilhados por oliveiras e palmeiras centenárias, a propriedade revela um equilíbrio raro entre a tradição e a modernidade. Nos interiores, curados por Mina Abouzahra, o design se traduz em textura e autenticidade: tapetes berberes vintage, cerâmicas artesanais e móveis europeus convivem em harmonia. A *chef* Karin Gaasterland assina uma cozinha franco-marroquina, com jantares servidos sob oliveiras ou em salões repletos de arte. A ideia é que o hotel ostente a missão de ser um espaço vivo de intercâmbio cultural e sustentabilidade, com uma curadoria que conecte artistas africanos e europeus em um diálogo contínuo.

jnanerumi.com



KRUIJD BY KRAAK

A menos de uma hora da Cidade do Cabo, na região de Wellington, o Kruijd se estabelece como um exemplo de hospitalidade sustentável e design contextual. Instalado na estrutura de uma antiga fazenda holandesa do Cabo, o retiro combina arquitetura vernacular, materiais locais e estética minimalista, integrando-se à paisagem de montanhas e *fynbos* da região. O projeto é assinado pelo designer Hannes Maritz, que, por meio de seu estúdio, Kraak, conhecido por desenhar experiências imersivas e personalizadas, coordenou arquitetura, interiores e experiências sensoriais, enquanto a *chef* Tina Maritz conduz a cozinha com menus sazonais, sustentáveis e baseados em produtos locais, sempre frescos e selecionados conforme a estação do ano. As seis vilas de hóspedes são baseadas na simplicidade: conforto discreto e conexão direta com o entorno e uso de materiais colhidos no próprio terreno, madeira bruta e cerâmicas artesanais. O paisagismo privilegia espécies nativas e hortas frondosas, complementadas por uma piscina discreta e espaços de meditação.

kraak.co.za/kruijd





O Ford Bronco Sport nas ruas de pedra do Centro Histórico, a beleza do mar na Praia de São Gonçalinho e a mesa do Gastrômar, na Marina Porto Imperial

O charme da história

A bordo do Ford Bronco Sport, desvendamos as belezas de Paraty e encaramos todos os terrenos

POR MARCOS DIEGO NOGUEIRA
FOTOS GERMANO LÜDERS

Asfalto. Terra. Pedra. Areia. Paraty, a cidade litorânea do estado do Rio de Janeiro reconhecida pela Unesco como um patrimônio mundial misto, é um convite à diversidade de terrenos, sabores e experiências. Do casario colonial ao mar translúcido, das ruas de pedra aos caminhos de terra batida, tudo é agradável aos olhos e a quem quer a liberdade de movimento.

E é aí que o Ford Bronco Sport encontra o seu cenário ideal. Com sete modos de condução e tração 4x4 inteligente, o SUV adapta-se automaticamente ao tipo de solo, oferecendo estabilidade em curvas e firmeza nas subidas mais íngremes.

CENTRO HISTÓRICO, A ALMA VIVA DA CIDADE

Não se engane: o primeiro contato é feito a pé. Afinal, o acesso de carros às ruas coloniais é restrito (para que ocorra, é necessária a autorização da Guarda Civil), mas há estacionamentos próximos que permitem explorar o Centro Histórico com calma. A concentração de bares, restaurantes, cachaçarias, lojas e sorveterias agrada a todos os gostos e a variedade surpreende. Você pode caminhar e se deparar com os metais e percussões da Banda Santa Cecília, que sempre ensaia por ali, por exemplo. Uma mistura ir-resistível de cultura, história e boa mesa se revela.

Na Rua Dr. Samuel Costa, o Restaurante Bartholomeu Contemporâneo combina ambiente acolhe-

dor e uma carta de vinhos caprichada, com rótulos da Argentina, do Chile e do Brasil. Lá o espaguete aos frutos do mar salta aos olhos. Em frente, o Paraty Wine Bar confirma a força da enogastronomia local: é o primeiro *wine bar* da região e oferece taças ao ar livre, sobre o calçamento de pedras.

Outro clássico imperdível é o Banana da Terra, há mais de 30 anos servindo pratos de peixe, como o robalo, que se harmoniza com um Ajna Chardonnay da Patagônia.

Se a música brasileira instrumental ou grandes clássicos da MPB na voz de Djavan e Luiz Melodia são a tônica do Centro Histórico, os passeios de carro merecem um clima de aventura. Aproveitando o lançamento do filme *Springsteen: Salve-me do Desconhecido*, as melhores faixas de Bruce Springsteen ecoam nas caixas Bang & Olufsen do Ford Bronco Sport, sistema premium com dez alto-falantes e um *subwoofer*, que transforma qualquer trecho da Rio-Santos em uma trilha sonora de *road movie*.

AO NORTE: PRAIAS E ÁGUAS CRISTALINAS

Rumo ao norte, sentido Angra dos Reis, a Rio-Santos revela as Praias de São Gonçalo e São Gonçalinho, com águas límpidas e atmosfera serena. Em São Gonçalinho, o bar e restaurante Relíquia Duzé é perfeito para aproveitar o dia na companhia de

bebida gelada e de pratos com peixe, em uma boa relação custo/benefício.

É de São Gonçalinho que saem os passeios para as Ilhas do Pelado e do Cedro. “Se aqui o mar já é límpido, nessas ilhas então é o dobro. Você consegue enxergar estrelas-do-mar a 6 m de profundidade”, comenta um dos organizadores dos passeios, que também promove voltas de lancha e *jet-ski* para quem quer mais velocidade. O retorno para o carro é sem estresse. Afinal, seu acabamento emborrachado nos assoalhos e tapetes do tipo bandeja facilitam a limpeza e também guardar itens molhados.

Outra opção de passeio ao norte é a Praia do Iri, sinônimo de tranquilidade e ideal para quem busca natureza e mar calmo. A estrada de terra que leva até lá é o terreno perfeito para explorar a tração 4x4 de série e a suspensão independente que mantém o carro firme mesmo em trechos com buracos e cascalho. O modo *Off-Road* entrega controle e confiança, e a diversão é garantida.

AO SUL: HISTÓRIA, NATUREZA E REFÚGIO

No sentido oposto, a estrada que leva à Praia de Paraty-Mirim acompanha o rio de mesmo nome e intercala asfalto e terra. O terreno irregular pede o modo *Off-Road* principalmente se estiver lamacento. Quando o chão se torna arenoso, o *Rally* entra



Detalhes do Centro Histórico, cachoeira no rio Graúna, o caminho para o Le Gite d'Indaiatiba e a charmosa região do cais de Paraty

Em frente à igreja de Nossa Senhora das Dores; praia do Jabaquara e visão da traseira do carro

em cena e permite acelerar. Se o desafio for mais extremo, não é preciso se preocupar: é disso que nosso Ford Bronco Sport gosta.

Mais uma vez, a história se mistura à paisagem: a Igreja Nossa Senhora da Conceição, erguida em – acredite – 1720, é a mais antiga da região. O local, que mescla marcas do período colonial e praias preservadas, também é o ponto de partida para o Saco do Mamanguá, um paraíso ecológico conhecido como “fiorde tropical”, com 33 praias e Mata Atlântica e manguezais, com acesso apenas via barco ou trilha, como a que chega ao Pico do Pão de Açúcar.

Na volta, a pedida é passar pelo restaurante Gastrômar, uma joia na beira da Marina Porto Imperial, comandada pela *chef* Gisela Schmitt, que utiliza ingredientes locais e orgânicos para fazer uma carta que conta até com pratos como a jambalaia com um toque brasileiro. A variada carta de vinhos traz rótulos em parceria com a vinícola Pizzato, e os drinques autorais completam o cenário de deleite para os olhos e o paladar. No fim do ano, eles organizam o Réveillon dos Ansiosos, uma festa all inclusive, com DJ e roda de samba, no dia 29 de dezembro, dois dias antes da virada.

ENTRE RIOS E MONTANHAS

Cachoeiras e piscinas naturais de água doce são um convite para quem quer explorar o verdadeiro espírito off-road do veículo. A altura em relação ao solo e o sistema de controle de descida permitem encarar trechos enlameados e até travessias de riachos com total segurança. A Estrada da Graúna, de terra batida e cercada pela natureza, leva à Le Gite d'Indaiatiba, uma pousada e restaurante no meio da natureza, onde os visitantes podem desfrutar do rio que passa por ali e também de uma sauna. O uso é exclusivo de quem usa o restaurante, que funciona a partir das 13 horas. Já o jantar necessita de reserva com a própria dona, Valéria de Corta. Mais adiante, surgem refúgios como a Pousada Bromélias, com massagem e quadra de tênis, e a Dharma Shala Yoga Village, ideal para buscar imersão e silêncio.

Na volta à orla, uma parada estratégica na Praia Grande, com mar calmo e o restaurante São Francisco, anexo à Pousada Catarina, que oferece uma hospedagem pé na areia. Bom destino para quem busca uma charmosa ceia de Réveillon ao som de jazz. Discreta e elegante.

PARA DESACELERAR

Quem quiser deixar a máquina estacionada pode seguir para a praia que fica dentro da cidade: Jabaquara. Cada vez mais bem estruturada e agradável, ela está a cinco minutos do Centro Histórico e é ideal para um banho de mar em águas rasas e mornas, um passeio de caiaque ou simplesmente para observar as gaivotas. O pôr do sol está entre as atrações principais e se harmoniza bem com o clima dos quiosques. Ali também é ponto de encontro de quem gosta de praticar esportes, com equipamentos para ginástica e um bom calçadão para caminhadas e ciclismo.

Nas redondezas, opções de hospedagem sofisticadas reforçam o espírito de charme: a Pousada Literária, instalada em um casarão colonial restaurado, é uma referência de hospitalidade. Já a Casa Turquesa, um hotel boutique em casarão do século XVIII, aposta no romantismo e é ótima para casais. Se preferir conforto moderno, opte pela Boutique Hotel Carpe Diem, no bairro Pontal, a poucos metros do centro. Para agradecer a todos os gostos.

NA TRILHA DA LIBERDADE

Em Paraty, todos os trajetos são uma descoberta e o Ford Bronco Sport é o companheiro ideal para viver boa parte deles. Com ele é possível escolher o próprio caminho. O veículo conta com tomadas de 110 V e 12V e ótimo espaço para as bagagens. Além disso, o seu sistema de gerenciamento flexível de carga no porta-malas permite que se guarde a bagagem da melhor forma e ainda possui divisória que funciona como mesa para atividades ao ar-livre.

E, quando chega a hora de voltar, basta ajustar o modo de condução, abrir o teto solar, acionar a *playlist*, com artistas que vão dos veteranos Pearl Jam aos novatos Khruangbin, e deixar o som envolver o caminho. O motor 2.0 EcoBoost de 253cv e 38,7 kgfm de torque traz força, tração e robustez para qualquer terreno. É nesse compasso que a viagem encontra o seu sentido. Até porque cada trecho se torna um convite a uma grande jornada. 📍

ford.com.br



SONORA RESORT

Isolado em um arquipélago remoto na costa oeste do Canadá, o Sonora Resort é o único hotel da ilha que leva seu nome – um retiro de luxo acessível apenas por hidroavião ou barco, partindo de Campbell River ou Vancouver. A chegada, deslizando sobre o Desolation Sound ou passando por colônias de focas, já antecipa a imersão na natureza, que define a experiência. Um antigo *fishing lodge* convertido em refúgio cinco estrelas, o Sonora combina refúgio de aventuras e contemplação. Atividades diárias convidam os hóspedes a explorar o entorno selvagem em expedições para observar baleias jubarte, ursos-negros e águias-carecas, praticar pesca com mosca, caminhadas por florestas densas ou simplesmente relaxar nas piscinas minerais, ao ar livre ou cobertas, com vista para o mar. A elegância rústica dos chalés de madeira e pedra abrigam suítes amplas ou vilas independentes. O restaurante celebra o melhor do Pacífico Norte, com frutos do mar frescos e ingredientes orgânicos, servidos diante do horizonte, onde mar e montanhas se encontram.

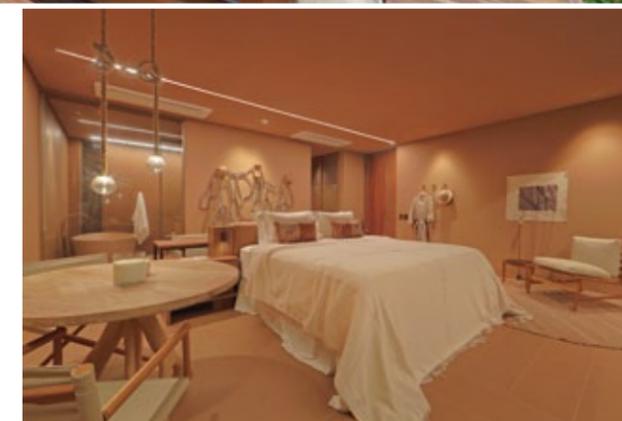
sonoraresort.com



ORIGEM PATACHO DESIGN HOTEL

Entre o verde da mata e o azul translúcido do mar, o Origem Patacho Design Hotel foi concebido como um refúgio para os casais que buscam quietude e encontro. Exclusivo para adultos, ele se integra à paisagem da Praia do Patacho com a leveza de quem pertence a ela. A arquitetura de Rodrigo Fagá e a direção criativa de Juliana Pippi desenham um cenário onde o design contemporâneo se mistura à textura do artesanal e cada uma das dez cabanas se traduz em afeto e pertencimento: piscinas aquecidas, materiais naturais e o conforto do feito à mão, em um acervo de arte e artesanato que reúne nomes expressivos do design e arte brasileiros, principalmente a arte alagoana. Na gastronomia, o *chef* Wellington Olímpio celebra os sabores da região em criações que unem delicadeza e identidade. Jantares sob as estrelas, fogueiras à beira-mar e vivências culinárias aproximam os hóspedes do território e de si mesmos. No Spa Patacho, rituais inspirados nos elementos da natureza – como o Raízes a Dois – convidam à reconexão e ao silêncio. Sustentável, essencial e sensível, o hotel propõe uma pausa para o corpo e a mente.

origempatacho.com.br





MOLLIE ASPEN

No centro de Aspen, no Colorado, EUA, o novo hotel boutique reinterpreta a hospitalidade de montanha com gestos mínimos e alma contemporânea. Com apenas 68 quartos, o Mollie Aspen combina o silêncio das paisagens ao pulso criativo da cidade. O nome resgata a força da mina de prata Mollie Gibson, uma metáfora para a energia que moldou o destino e continua a inspirá-lo. A Post Company e a CCY Architects conduzem um projeto de beleza contida, em que madeira, latão, cerâmica e tecidos tingidos manualmente compõem um cenário de texturas sutis e luz difusa. Cada ambiente parece respirar com as montanhas. Nos quartos, o conforto surge nos detalhes: lençóis de algodão egípcio, cerâmicas locais, aromas orgânicos e a atmosfera de acolhimento. O restaurante e o bar, assinados pelo grupo Gin & Luck, prolongam o dia, entre cafés, conversas e coquetéis ao pé da lareira ou no terraço com vista para a Aspen Mountain. Obras de arte e peças vintage revelam a alma artística da região, enquanto o compromisso ambiental se reflete na parceria com a Rivian, que oferece veículos elétricos para aventuras sustentáveis.

mollicaspern.com



MUNDUS

Viagens que revelam a beleza e a simplicidade
que ainda resistem pelo planeta.

Curadoria Ruy Tone

Rua Rocha, 425 Bela Vista, São Paulo.

@mundustravel

www.mundus.com.br

Regent

SEVEN SEAS CRUISES®

EXPERIENCE THE UNRIVALLED®

NOBODY DOES IT BETTER™

Embarque em uma experiência de ultraluxo com tudo incluído, Incomparável no Mar. Explore mais de 550 destinos ao redor do mundo enquanto desfruta do espaço, elegância e conforto incomparáveis da Frota Mais Luxuosa do Mundo. Cuidaremos de cada detalhe da sua viagem do início ao fim, para que você possa ser mimado pela Hospitalidade Genuína oferecida por nossa incrível tripulação, que não apenas cuida de você, mas também se preocupa com o seu bem-estar.

NAVEGUE EM LUXO INCOMPARÁVEL ALL-INCLUSIVE



VISITE [RSCC.COM](https://www.rssc.com) OU
CONTATE SEU AGENTE DE VIAGENS



PATAGÔNIA, ARGENTINA

ROTEIROS ESPECIAIS PELA AMÉRICA DO SUL



SOUTH AMERICAN SPLENDOR

Seven Seas Splendor

RIO DE JANEIRO A BUENOS AIRES

17 DEZ 2025 | 11 NOITES | 28 PASSEIOS

Portos visitados: Rio de Janeiro, Ilha Grande, Ilhabela, Santos, Porto Belo, Rio Grande, Punta del Este, Montevideo, Buenos Aires

CONSULTE TARIFAS

PERNOITE NO PORTO



ANTARCTIC CELEBRATION

Seven Seas Splendor

IDA E VOLTA BUENOS AIRES

28 DEZ 2025 | 17 NOITES | 26 PASSEIOS

Portos visitados: Buenos Aires, Puerto Madryn, Punta Arenas, Ushuaia, Stanley, Montevideo, Buenos Aires

CONSULTE TARIFAS

PERNOITE NO PORTO

NAVEGUE EM LUXO INCOMPARÁVEL ALL-INCLUSIVE

PASSEIOS TERRESTRES ILIMITADOS

RESTAURANTES DE ESPECIALIDADES | BEBIDAS ILIMITADAS

TAXAS DE SERVIÇO PRÉ-PAGAS | ACESSO ILIMITADO À ÁREA DO SPA

WIFI ILIMITADO | SERVIÇO DE LAVANDERIA COM ENTREGA

SERVIÇO DE QUARTO 24 HORAS e mais

*Termos e Condições se aplicam.

Identidade Africana

Essencial para entender e se apaixonar pela África do Sul, a Cidade do Cabo é destaque de cultura, gastronomia e experiências sofisticadas

POR ZECA CAMARGO

Uma das principais portas de entrada no continente africano, a Cidade do Cabo é muito mais do que um *hub* necessário para ingressar em roteiros de safáris pela savana africana. A Cidade do Cabo é um destino denso em história, completo em paisagens, rico em criatividade, diverso em gastronomia e intenso em programação. Da vida cultural agitada e fervilhante aos passeios, que podem incluir praia, montanha, vinícolas, museus, compras e muito agito, descobre-se um mundo de possibilidades em um giro pela cidade.

Ellerman House: o café da manhã desse hotel é inesquecível e irresistível. Poderia ser só pela comida, afinal poucas vezes vi pelo mundo uma tigela de frutas frescas como a servida ali. Além das delícias da mesa, você toma seu café da manhã olhando para um horizonte infinito, o Oceano Atlântico. O perigo é você se esquecer do tempo sentado na varanda do Ellerman.

Victoria & Alfred Waterfront: menos pelas compras e mais pelo clima, o lugar é um charme para uma tarde consumista. É formado em sua maioria por lojas de marcas conhecidas, mas o grande diferencial do passeio é entrar e sair do shopping olhando para essa marina: uma experiência única. Se der fome, belisque algo no Time Out Market. Se quiser comprar algo local, vá ao Watershed, um galpão com artesanatos lindos e propostas de novos *designers*.

Sea Point Promenade: a caminhada nesse calçadão é uma ótima pedida para sentir a vastidão da cidade, que está no extremo sul de um continente inteiro. É um trajeto favorito também de quem mora lá. Nada como passear acompanhado pela imensidão do mar...



Acima, vista sobre a Cidade do Cabo com a Table Mountain ao fundo, trecho da Sea Point Promenade e o rooftop do The Silo

The Silo: nenhuma vista da cidade é mais espetacular do que a desse hotel, que divide o espaço de um silo de mais de 100 anos com o Zeitz MOCAA. Do rooftop, entre o vermelho e o turquesa, o céu se metamorfoseia em mil cores. É um cenário ideal para observar com um bom drinque em mãos. E nem pense em tirar uma *selfie*: nenhuma câmera de celular é capaz de captar o que os seus olhos vão ver.

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

Acima, a vista das casas coloridas do bairro de Bo-Kaap e o edifício do Zeitz MOCAA

Boma: mesmo após um dia intenso, nessa cidade cheia de possibilidades, não vá dormir sem dar um pulo no Boma! De longe, ele parece apenas um bar de rua, mas a comida, ainda que simples, encanta, com espetinhos de carneiro, frango e até de carnes exóticas. Misture-os com coquetéis descolados e vinhos deliciosos e acessíveis.

Table Mountain: do alto do cartão-postal mais famoso da Cidade do Cabo, a vista é incomparável. O nome descreve exatamente sua forma: é um grande tampo de mesa, plano, que proporciona as melhores fotos, de todos os ângulos, da cidade. A subida exige uma viagem curta e vale a pena investir sua manhã no percurso. Torça para o tempo estar aberto. Se o dia amanhecer nublado, não adianta tentar!

Fyn: presença constante nas listas dos melhores restaurantes do mundo, o Fyn é desses restaurantes que exigem reserva prévia – com bastante antecedência – se você quiser jantar. Para o almoço, no entanto, é relativamente tranquilo. A comida é um passeio delicioso pelos sabores locais. Aposte no menu degustação.

Bo-Kaap: quase todos os visitantes passam por Bo-Kaap apenas de ônibus. A maioria desce por alguns minutos, tira fotos na frente das casas coloridas e segue para outro destino. Quem quer mergulhar na essência desse bairro emblemático deve dedicar mais tempo. Explore suas pequenas galerias de arte e lojinhas originais, como a Chandler House, com porcelanas e tecidos que misturam todas as culturas.

Zeitz MOCAA: reserve uma tarde inteira para passear pelas galerias desse museu único, que apresenta o melhor da arte contemporânea africana e sua diáspora. O acervo é impressionante, pois vai de William Kentridge a Zanele Muholi. A lojinha é o melhor lugar para comprar lembranças diferenciadas.

Truth Coffee Roasting: a escolha certa para fechar o dia com um belo chope artesanal, entre as várias opções oferecidas nas *taps* da casa. Se quiser provar um café, o bar também leva a fama de servir o melhor da cidade. Fora isso, um público eclético, formado por moradores locais e viajantes do mundo inteiro, faz dele um ambiente cheio de *good vibes*. O *gran finale* certo para você levar a energia dessa vibrante cidade na memória. 📍

O mar como cenário, o tempo como luxo

O mapa é vasto, mas a promessa é íntima: espaço, silêncio e horizonte

POR LUCIANA LANCELLOTTI

A Explora Journeys, marca de cruzeiros de luxo do Grupo MSC, nasceu para devolver o bom ritmo e a cadência das viagens oceânicas. Nada de pressa. Tranquilidade e relaxamento é o ponto central da viagem. A bordo, a regra é simples e rara: O relógio desacelera e o rumor do mar vira trilha.

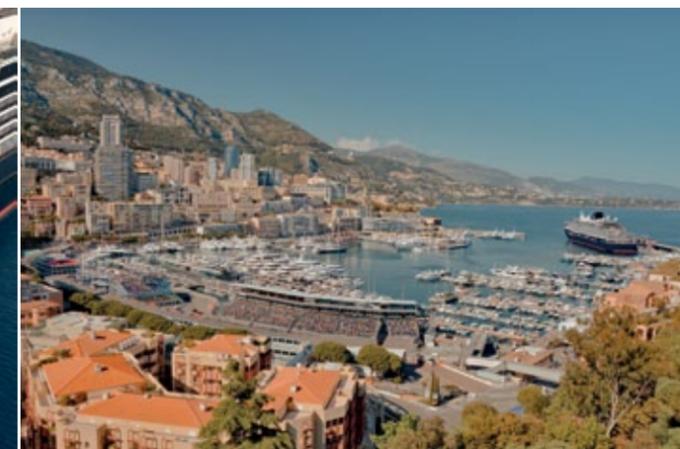
No *design*, o refúgio é a lei. Suítes espaçosa, todas com terraços e uma decoração impecável. É incrível o que essa configuração faz com o silêncio e com a luz do lado de fora. As piscinas se espalham por vários decks, e as jacuzzis não chamam a atenção para si. Os fluxos funcionam porque o espaço respeita o passo de quem viaja, e não o contrário.

Lounges de luz baixa, cabanas privativas são um convite ao descanso, uma proporção generosa de área aberta por hóspede. Tudo é

sustentado por um serviço na proporção de quase um para um, onde *hosts* aparecem antes do pedido e ressurgem como se lessem pensamentos, em gestos genuínos de elegância sem cerimônia.

BEM-ESTAR EM MOVIMENTO

Quando o assunto é cuidado com corpo e mente, o capítulo tem nome próprio: Ocean Wellness. 700 m² do SPA mais premiado em alto mar, mais de 350 m² dedicados ao corpo, entre áreas internas e ao ar livre, em parceria com a Technogym. Treinar com o vento como metrônomo muda tudo. Correr ou remar diante do Atlântico deixa de ser pausa e vira parte do roteiro. O mar entra no pulmão, nos passos, no humor. A gastronomia segue o mesmo raciocínio, com variedade e tranquilidade. São 18 experiências, seis restaurantes, 12 cafés, lounge, gelateria e creperia, além do serviço de quarto 24 horas). A cozinha passeia da mediterrânea contemporânea, um *grill* de assinatura, cozinha fran-



A bordo do *Explora*, as piscinas se espalham pelos decks. Em Mônaco (à dir.), o navio é ponto de observação do Grand Prix, e no Caribe os roteiros combinam ícones e pontos discretos. Na outra página, a Costa Amalfitana ao horizonte



cesa e um asiático de sutilezas. No meio do dia, o Emporium Marketplace pede almoços longos. À noite, Fil Rouge, Med Yacht Club, Marble & Co. Grill e Sakura sustentam conversas que começam no prato e terminam na paisagem. Todo o ecossistema a bordo opera sob um pacto de sustentabilidade. Entram em cena tecnologias atuais de apoio ambiental e soluções energéticas alternativas, com sistemas que reduzem o ruído subaquático para proteger a vida marinha e uma malha de otimização que afina motores e consumo.

ÍCONES, DESCOBERTAS E MÔNACO

Os roteiros a bordo dos navios da Explora Journeys são diferenciados, há quem opte pelo os clássicos ou aqueles que preferem as joias menos conhecidas que guardam a sensação de descoberta no Mediterrâneo, Caribe, Norte da Europa, Islândia, Groenlândia e Ásia. E há também Mônaco! Um fim de semana no principado, em que velocidade e elegância dividem a mesma curva, na FORMULA 1[®] Grand Prix de Mônaco. Em 2026, o *EXPLORA I* vai assumir posição privilegiada no Porto Hercule, a passos do circuito, com possibilidade de acesso ao F1 Paddock Club[™]. A corrida deixa de ser um evento visto de longe e vira uma experiência hospedada, literalmente.

O HORIZONTE ESTÁ DESENHADO

EXPLORA I e *II* já navegam, o *III* chega em 2026. Depois, em 2027, é a vez do *IV* e *V* e 2028 o *VI* navio para

completar a frota. Para quem gosta de planejar com calma e inspiração, a marca já publicou coleções até a temporada de 2027/2028, costurando cinco contínuos. O luxo acontece nos pequenos gestos, como a mesa alinhada ao mar, o treino ao nascer do sol, a varanda aberta, uma nova experiência a cada dia. Arquitetura, bem-estar, gastronomia, rota e a sensação de que o mar, a bordo dos navios Explora Journeys, é o mais adorável e generoso protagonista. 📍



FOTOS: ACERVO CASA DO RIO; RAQUEL BASTOS; PAULO MOURA E ARQUITETO PAULO CESAR

Um legado para a Amazônia

Rosewood São Paulo apoia um laboratório de inovação social da ONG Casa do Rio, no arco do desmatamento

POR JEFF ARES

A sustentabilidade é uma palavra fácil na cartilha da hotelaria. Mas existe muito *greenwashing* e *socialwashing* por aí. Felizmente, porém, há exemplos notáveis, desde grupos que trabalham pela conservação, passando por experimentos de hoteleiros independentes, até grandes atos de filantropia. É o caso do Rosewood São Paulo, que de maneira generosa – e importante, longa – apoia desde 2023 a ONG Casa do Rio.

Em 2009, quando mergulhou no Rio Tupana, no município de Careiro Castanho (AM), o artista e empreendedor social Thiago Cavalli soube que viveria ali. Ele se desfez de sua vida urbana e iniciou a reforma de uma casa na floresta. Ao conhecer a dura realidade de seus vizinhos, decidiu alfabetizar as crianças ali mesmo, na sua varanda. Florescia a Casa do Rio.

Hoje, com 11 anos de atuação e liderada por um time de mulheres amazônidas, a ONG se tornou um símbolo de inovação social, com projetos criativos, pensados a partir da escuta de originários e ribeirinhos. Premiada e reconhecida internacionalmente, ela protege a primeira infância e trabalha pela educação, sob as bases da pedagogia da floresta. Dissemina práticas ambientais por meio da Escola Itinerante de Agroecologia. Impulsiona o empreendedorismo baseado na sociobiodiversidade – do artesanato à gastronomia. Atua na formação cidadã de jovens lideranças.

A parceria com o Rosewood São Paulo começou em 2023, quando o hotel buscava uma causa para a sua festa de Carnaval. O diretor de marketing e vendas Silvio Araujo se entusiasmou ao ouvir sobre a ONG. Prontamente, um time do hotel fez as malas e rumou para a Região Norte.



Acima, trabalhos de educação, artesanato e cultura da ONG, e uma imagem do futuro Centro de Saberes da Floresta. Na página ao lado, a Casa do Rio, original, às margens do Rio Tupana

No ano seguinte, ocorreu um jantar beneficente para 120 pessoas: Uma Noite para a Amazônia financiou uma brigada contra os trágicos incêndios na região. Objetivo alcançado, era hora de mirar mais alto: a segunda edição do jantar, em 2025, uniu 350 pessoas. O hotel novamente ofereceu todos os custos de produção – um fato raro na filantropia. Assim, foi arrecadado 1,2 milhão de reais para um grande sonho. “O Rosewood possibilita o marco inaugural do Centro de Saberes da Floresta, que impactará 150 mil pessoas, em 64 mil quilômetros quadrados de floresta gravemente ameaçada”, diz o fundador.

“A preservação da biodiversidade e da cultura dos povos originários e tradicionais é um compromisso desde o nosso primeiro dia, e o trabalho da Casa do Rio está alinhado com nossos valores e com o que acreditamos ser o melhor para o futuro do país”, diz Edouard Grosmanjin, vice-presidente regional de México e América do Sul da Rosewood Hotels & Resorts. Eis um exemplo não apenas para a hotelaria, mas para todas as marcas que atuam no Brasil. 📍

Doações:
Casa do Rio
Pix: 20.090.061/0001-02

NOVO
DESTINO

CONHEÇA O VILAREJO
MÁGICO QUE ESTAVA
ESPERANDO SUA VISITA

EM
LOS

CABOS

México

VOCÊ VAI FAZER ACONTECER

A partir de 4 de dezembro, voe para Los Cabos, México, com 3 voos semanais via Hub das Américas®. Viva a experiência de um destino único, onde o mar, o deserto e as montanhas se encontram – perfeito para relaxar, se aventurar e aproveitar o melhor do México.

Reserve agora em [copa.com](https://www.copa.com)!

 Lojas de passagens

 Call center

 Agências de viagens

Voos sujeitos a restrições, aprovações governamentais e alterações.

CopaAirlines 

A STAR ALLIANCE MEMBER 

LOS
CABOS 
México

FESTIVAIS

Uma festa sagrada para os cães

Durante o Tihar, uma celebração espiritual e cultural nepalesa, o Kukur Tihar homenageia e rende um tributo ao melhor amigo do homem

POR NATHALIA HEIN



À primeira vista, pode soar inusitado dedicar uma data à celebração de cães durante um festival sagrado. No entanto, no Nepal, essa iniciativa faz parte de uma tradição ancestral que transcende a relação cotidiana entre humanos e animais. O Kukur Tihar, o “dia dos cães”, é o segundo dos cinco dias do Tihar, um festival hindu que guarda semelhanças com o Diwali indiano (conhecido também como o “festival das luzes”). Na cosmologia hindu, os cães são considerados mensageiros de Yamaraj, o deus da morte, e, por isso, recebem homenagens especiais como uma forma de reverência e proteção espiritual.

Celebrado anualmente entre outubro e novembro, de acordo com o calendário lunar hindu, o Kukur Tihar costuma acontecer no segundo dia da festa. Durante esse período, templos e lares se enchem de cores e aromas. Cães de todas as origens ganham destaque: recebem guirlandas de flores vibrantes, colares de calêndulas e uma marca vermelha, a *tika*, pintada em sua testa como um símbolo de bênção e respeito. Mais do que enfeites,

Acima, cão recebe afago e guirlanda de flores no Kukur Tihar, no Nepal

FOTOS: FOTOARENA E ISTOCK



Acima, o templo Maitidevi, em Katmandu, iluminado durante o festival, rende homenagem a um cão sem as patas traseiras e cachorro adornado nas festividades

esses gestos são acompanhados de oferendas saborosas: ovos, leite, carne e petiscos, que transformam a ocasião em um banquete. Até mesmo os animais que vagam pelas ruas são acolhidos, lembrando que a devoção não distingue donos e lares, mas se volta à essência do animal como guardião e companheiro.

Entre as curiosidades, vale lembrar que o festival não celebra apenas cães: cada dia do Tihar é dedicado a um ser ou entidade, incluindo corvos, vacas e até irmãos mais novos – todos vistos como pontes entre o divino e o humano. Mas é o dia dos cães que se tornou mundialmente famoso, não apenas pela ternura dos rituais, mas também pela simbologia universal do animal como um amigo leal.

Assim como o Día de Muertos, no México, convida a refletir sobre a finitude da vida, o Kukur Tihar nos provoca a pensar no lugar dos animais no universo humano. Não se trata apenas de adoração, mas de reconhecer nos cães um elo entre o mundo terreno e o espiritual. Nesse período, as ruas do Nepal se transformam em um verdadeiro palco de gratidão: cada olhar canino adornado por flores parece carregar a lembrança de que a fidelidade, o amor e a proteção são dons que merecem ser celebrados. 📍

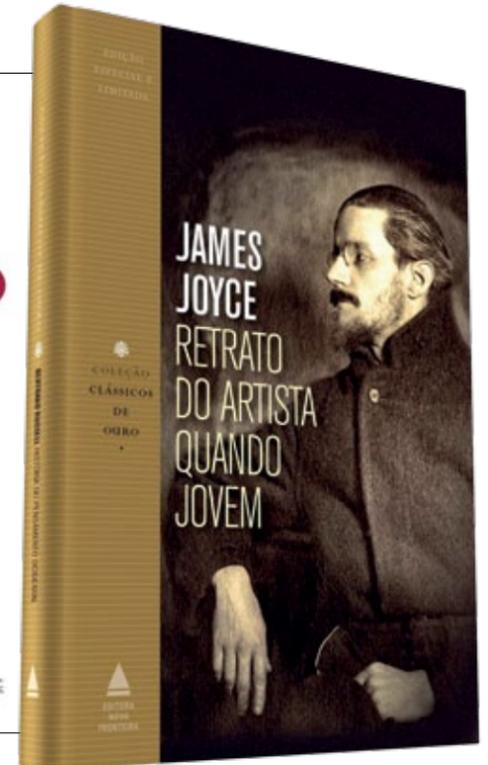




Clarice Lispector e a lupa da alma

A obra de uma das mais celebradas autoras do século XX propõe viagens que permeiam o imaginário, o inconsciente e as mais profundas questões humanas

POR MARIA HOMEM
COLAGEM RAPHAEL ALVES



“N

o íntimo, somos poetas, e só com o último homem morrerá o último poeta.” É discutindo essa ideia que Freud abre seu texto sobre o mistério da criação literária, chamado justamente *Escritores Criativos e Devaneios*. De quais fontes brota nosso imaginário e vão surgindo as histórias que nos seduzem, nos deixam indignados ou nos fazem chorar? Freud: do inconsciente. Das fantasias e dos impulsos inconscientes que, desde o início, vão nos ajudando a atravessar a vida.

Fazemos isso todos os dias. De noite, nos sonhos, e de dia, nas fantasias. E assim surgem um romance, um filme, um diário, um negócio, um amor. Você poderia se perguntar, por exemplo: o que foi gestado em mim essa noite? O que eu criei hoje?

A literatura de Clarice Lispector mergulha profundamente nessas questões. Ao mesmo tempo que desenha cenas da experiência vivida, interroga o tempo todo o que é escrever, como se estivesse simultaneamente no palco e no *backstage*, fazendo o *making off* do espetáculo.

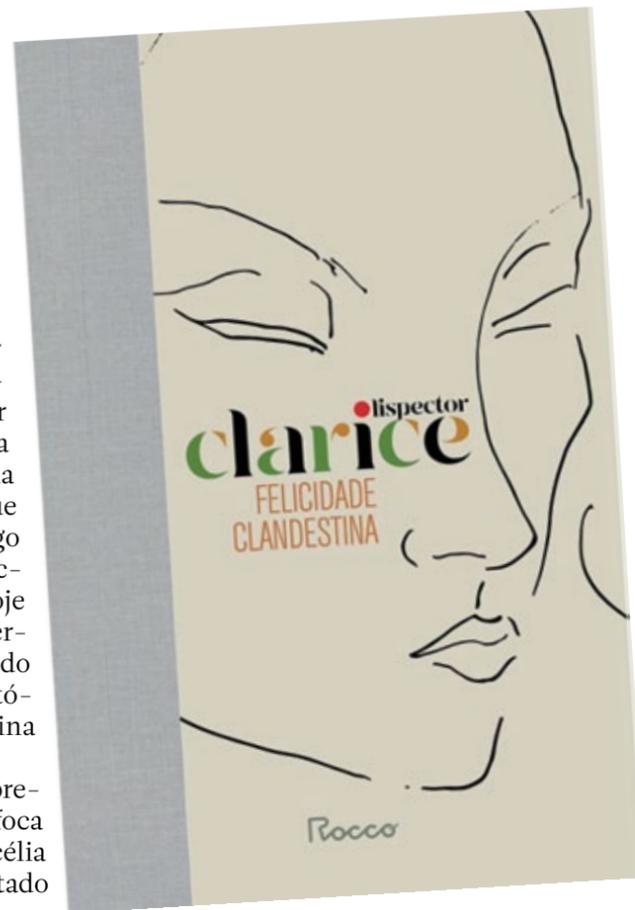
Esse é um traço fundamental da sua escrita, presente desde seu primeiro romance, *Perto do Coração Selvagem*, que ela escreveu aos 20 e poucos anos. Ela toma como epígrafe uma frase de James Joyce em *O Retrato do Artista Quando Jovem*: “Ele estava só. Estava abandonado, feliz, perto do selvagem coração da vida”. O livro é uma espécie de romance de forma-

ção: abre com a menina Joana envolta no tac-tac da máquina do papai, o tim-dlém do relógio, o zzzzzz do silêncio e segue com os embates do amor e da liberdade na vida adulta. Por fim, compreendemos que, desde sempre, Joana persegue o coração selvagem da vida através das letras e que o livro conta justamente seu processo de vir a ser escritora.

Trinta anos mais tarde, em *Água Viva*, um dos seus romances mais radicais, Clarice ainda persegue o *it*, o ser radical por trás daquilo que nos é apresentado: “Cada coisa tem um instante em que ela é”. Como pegar esse pulo do gato? Nossa escritora segue na mesma luta para não perder o pulso da vida, aquilo que corre mais na entrelinha que na linha. Para além das palavras através das quais somos obrigados a nos comunicar e nos amarrar. “O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas.” *Água Viva* tem somente um fio de narrativa, a ânsia de uma pintora que conta sua busca no espaço do indizível e da forma poética: “A harmonia secreta da desarmonia: quero não o que está feito, mas o que tortuosamente ainda se faz. Minhas desequilibradas palavras são o luxo de meu silêncio. Escrevo por acrobáticas e aéreas piruetas – escrevo por profundamente querer falar. Embora escrever só esteja me dando a grande medida do silêncio”. Aliás, não à toa eu fiz um doutorado sobre a obra de Clarice e nomeei o livro *No Limiar do Silêncio e da Letra*.

Em seu último romance publicado em vida, *A Hora da Estrela*, temos a história da datilógrafa (sempre) e nordestina Macabéa, que tenta sobreviver no Rio de Janeiro. Tal qual o povo macabeu, ela busca para si um lugar mais respirável. Um lugar que aplaque a dor, que ela de-veras sente. A autora segue com a pergunta sobre o fazer literário e a sofisticada aqui, trazendo para dentro da obra os planos da personagem, do narrador e do autor de forma explícita. Temos a história da personagem Macabéa, e que “só pode ser contada por um narrador homem”, Rodrigo S. M., inventado pela autora, “na verdade Clarice Lispector”. Lembremos que Clarice nasceu numa cidade que hoje está na Ucrânia e a família veio pro Brasil fugindo das perseguições aos judeus. Ela viveu a infância no Recife, vindo aos 14 anos pro Rio. Olha quantas camadas “identificatórias” estão em jogo na saga da nossa datilógrafa nordestina Clarice-Macabéa.

Complexidade narrativo-literária que não aparece no premiado filme de Suzana Amaral sobre a obra. A diretora se foca na relação de Macabéa, na icônica corporificação de Marcélia Cartaxo, com seu namorado Olímpico de Jesus, interpretado por José Dumont. Aliás, um pequeno parêntese aqui sobre as diferenças das linguagens artísticas. Perguntei pra Suzana, em uma das várias mesas em que debatemos o filme (éramos professoras no curso de cinema da Faap), por que ela tinha tirado ou não tinha colocado nada dessa parte tão essencial da trama, que discute o que é literatura. Ela foi muito simples e sábia: porque isso não funciona no cinema. Foi uma aula de zen e da busca do essencial, tão caro ao budismo de Suzana. E talvez uma busca tão clariceana.



Acima, cena do filme *A Hora da Estrela* e pôster do mesmo longa. Na página ao lado, alguns dos livros de Clarice Lispector

A Hora da Estrela é um romance de linguagem aparentemente simples e curto, mas de alta densidade. O livro abre com nada menos que 13 títulos para a obra, através dos quais a autora explicita a angústia sobre o papel do escritor no mundo: “A culpa é minha, A hora da estrela, Ela que se arranje, O direito ao grito, Quanto ao futuro, Lamento de um blue, Ela não sabe gritar, Uma sensação de perda, Assovio no vento escuro, Eu não posso fazer nada, Registro dos fatos antecedentes, História lacrimogênica de cordel, Saída discreta pela porta dos fundos”.

Outro romance incontornável para levar na mala é *A Paixão Segundo G.H.* A sinopse é uma das mais conhecidas da literatura brasileira: G.H. “come a barata” que encontrou no quarto da empregada de sua casa. Atrás desse *plot*, temos o desabrochar da consciência de uma mulher que, na maturidade, busca o autoconhecimento e tem a coragem de explorar seus desejos, seus impasses e, sempre, seu lugar no mundo.

Para fechar esse breve passeio pela obra clariceana, não poderíamos deixar de escutar a complexidade e, sobretudo, a ambivalência das relações humanas que Clarice retrata em seus contos. Tanto *Laços de Família* quanto *Felicidade Clandestina* nos trazem textos magistrais, que retratam as agruras do amor, da amizade e da família. “Amor”, “Feliz aniversário”, “A imitação da rosa”, “Perdoando Deus”, “O búfalo”, “O ovo e a galinha” são algumas dessas preciosidades.

Não poderíamos deixar de fora o corpo e seus mistérios, também tema dessa obra tão vasta. O erótico, o ciúme, a solidão e a carne estão nos contos de *A Via-crúcis do Corpo*. Se Clarice buscava o intangível, além da palavra, também não recuava diante da crueza da matéria e do que pulsa mais visceralmente em nós.

Como escrevi em *Lupa da Alma*, a psicanálise é uma lente mágica, por onde descobrimos os mistérios da alma. A literatura e toda arte criativa também.

Boa viagem pela infinita tessitura das letras. 📍



QUANDO VOCÊ DEIXA MARCAS, É ASSIM QUE A NATUREZA VÊ VOCÊ.

TODOS OS ANOS SÃO GERADOS MAIS DE 2,3 BI
DE TONELADAS DE LIXO NO MUNDO.

PARA VIAJAR PELO PLANETA,
PRECISAMOS CUIDAR DELE.



5 ANOS VIAJANDO PELO PLANETA
DE UMA FORMA CONSCIENTE.

UNQUIET

Instagram: @revistaunquiet
Website: revistaunquiet.com.br

CHECK-IN

Rota Consciente

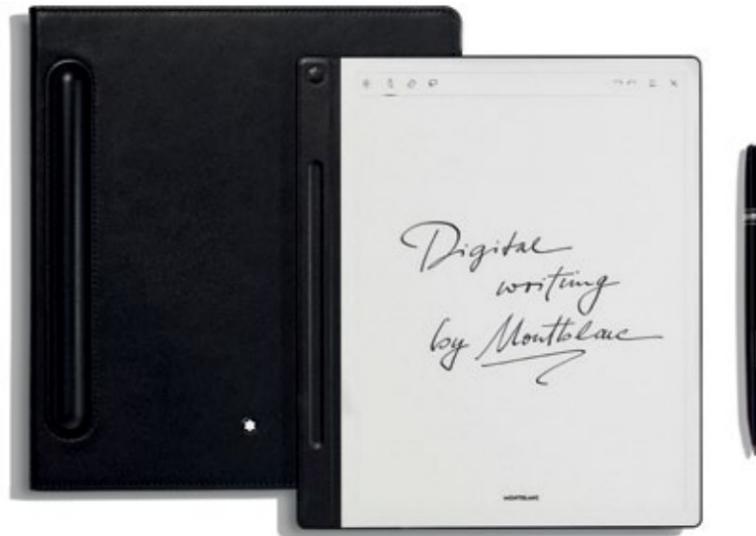
Quando forma e utilidade se alinham a escolhas responsáveis, a bagagem ganha propósito e estilo

POR LUCIANA LANCELOTTI

ESCRITA SEM LIMITES

A Montblanc leva sua tradição artesanal para o futuro com o Digital Paper, caderno digital que traduz a sensação tátil da escrita à mão para o universo tecnológico. Criado por artesãos em Hamburgo, Alemanha, o dispositivo combina o gesto clássico de escrever com a eficiência digital, reconhecendo traços e transformando ideias em arquivos pesquisáveis e compartilháveis. A Digital Pen, inspirada na emblemática Meisterstück, vem com três pontas intercambiáveis que simulam texturas de papel. A tela e-ink de baixo consumo reduz recargas, e o fluxo 100% digital ajuda a poupar papel. Desenvolvido com materiais duráveis e design refinado em metal e couro, o Digital Paper alinha inovação à responsabilidade ambiental da Maison.

montblanc.com.br



ONDA IMPRESSA

A SeaWell imprime a prancha Fish AX 5'6 com materiais recicláveis e biodegradáveis, modelando forma e função sem desperdiçar matéria-prima. A impressão 3D entrega uma precisão milimétrica e reduz o resíduo de produção ao mínimo. Na prática, você desliza sobre ondas com uma prancha que já nasceu respeitando o mar. É surfar o amanhã e deixar na areia apenas pegadas leves.

seawell.com.br

MAR EM TRAMA

A Mochila Prada Re-Edition 1978, de Re-Nylon, nasce com um olhar sobre os resíduos oceânicos. Em outras palavras, plásticos, redes de pesca e resíduos têxteis retirados do mar e transformados em náilon de luxo. Disponível em preto, borgonha e outras cores, variáveis de acordo com a região, o acessório é parte da coleção Re-Nylon, que conta com 191 peças, com o mesmo princípio de circularidade. No uso cotidiano, ela carrega equipamentos e o desejo de um jeito sofisticado.

prada.com/br



TUDO PRONTO PARA O INVERNO

Falta muito pouco para o início da temporada mais eletrizante do ano para aficionados por esqui. As melhores e mais disputadas estações e resorts de neve dos Estados Unidos e da Europa já anunciaram uma série de novidades para os hóspedes, o que inclui novas pistas, gôndolas mais modernas, novos hotéis e muitas opções de *après-ski* com drinques, alta gastronomia e diversão sem limites. Aproveite a temporada, esteja você em Aspen, Vail, Jackson Hole, St. Moritz, Gstaad, Courchevel ou Cortina D'Ampezzo, com a C6 Conta Global. Ela integra a vida financeira em real, dólar ou euro em um só app, com câmbio 24h, menos tarifas e economia média de 50% em relação ao cartão de crédito internacional.

c6bank.com.br



BRANCO MINERAL

Inspirado por paisagens claras e materiais de “pedra” moderna, o Special Companion Damast 2025 troca o vermelho clássico por talas de Corian em tom alvo, de toque sedoso. A lâmina de Damasteel exibe o padrão Svavner, de beleza gráfica, com resistência e retenção de fio por mais tempo. Na prática, é um canivete de bolso para quem cruza cidades e trilhas com um design que dura, feito de aço inoxidável e pensado para colecionar (são 7 mil peças numeradas).

victorinoxstore.com.br



DÉCADAS DE FOCO

Para quem viaja com olhar apurado, a Hasselblad X2D II 100C alinha o apelo visual ao tempo prolongado de vida útil. Com sensor de alta performance, estabilização de imagem de dez paradas e reprodução de cores HDR, a câmera tem estrutura robusta e promete décadas registrando paisagens e emoções. A alça Vandra, feita de plástico oceânico reciclado, sela a união entre a ética e a estética.

hasselblad.com



BRASIL

LENÇÓIS ESCONDIDOS

Entre carnaúbas, buritis e açais juçara, abraçada pelas dunas e abrigada pelas lagoas, a Casa Patacas é um refúgio para os que buscam conforto e imersão no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses

TEXTO CAROLINA SAGESSER RODRIGUES

FOTOS RICARDO THOMAZ



As lagoas são formadas no período de chuvas, entre janeiro e junho. Na página ao lado, piquenique organizado pela Casa Patacas à margem de uma das lagoas



D

izem que, quando não temos algo para apoiar o olhar, perdemos a noção da perspectiva. O cérebro se confunde, incapaz de processar a amplidão sem limite, e certo desamparo toma conta da mente. Os Lençóis Maranhenses são um desses lugares em que a estabilidade se dissolve: um tecido de areia infinita, entrecortado por água cristalina, onde a linha entre o topo das dunas e o céu se costura. Mais do que uma questão de paisagem, é o que o lugar provoca ao nos atravessar. A imensidão, que transmuta de cor e forma de acordo com o toque mutante da luz solar, por instantes nos faz flutuar – entre os sonhos e a tentativa inútil de captar tamanha beleza.

Essa é a minha quarta vez no Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses. Já havia visitado de todas as formas conhecidas por mim até então: hospedando-me em Santo Amaro, Atins e Barreirinhas,



bases principais do turismo, e em 2024, até então minha última experiência, quando realizei a travessia, uma opção que se tornou objeto de desejo dos mais aventureiros. Dessa vez, meu destino foi a Casa Patacas, uma alternativa singular para quem busca aconchego, isolamento e serviço de qualidade para conhecer um dos patrimônios mundiais da UNESCO.

UMA EXPERIÊNCIA IMERSIVA

A chegada já carrega o presságio do seu afastamento. Após quatro horas de estrada, passada a entrada para Santo Amaro, o carro para na margem do Rio Alegre. Embarco em uma voadeira por mais meia hora, flutuando no meio de uma cortina de vegetação verde e abundante. Sou recebida com um piquenique à beira de uma duna por Bruno e Renato, que me dão as boas-vindas e avisam que em algumas horas voltam para me buscar. Ali, começo a me acomodar ao silêncio abrupto, interrompido apenas pelo sopro do vento, e à calmaria da paisagem.

O último trajeto é feito em um 4x4, por Carnaval, um dos familiares dos Britos, povoado instalado em um oásis no meio do território dos Lençóis há mais de 200 anos. Após 20 minutos,

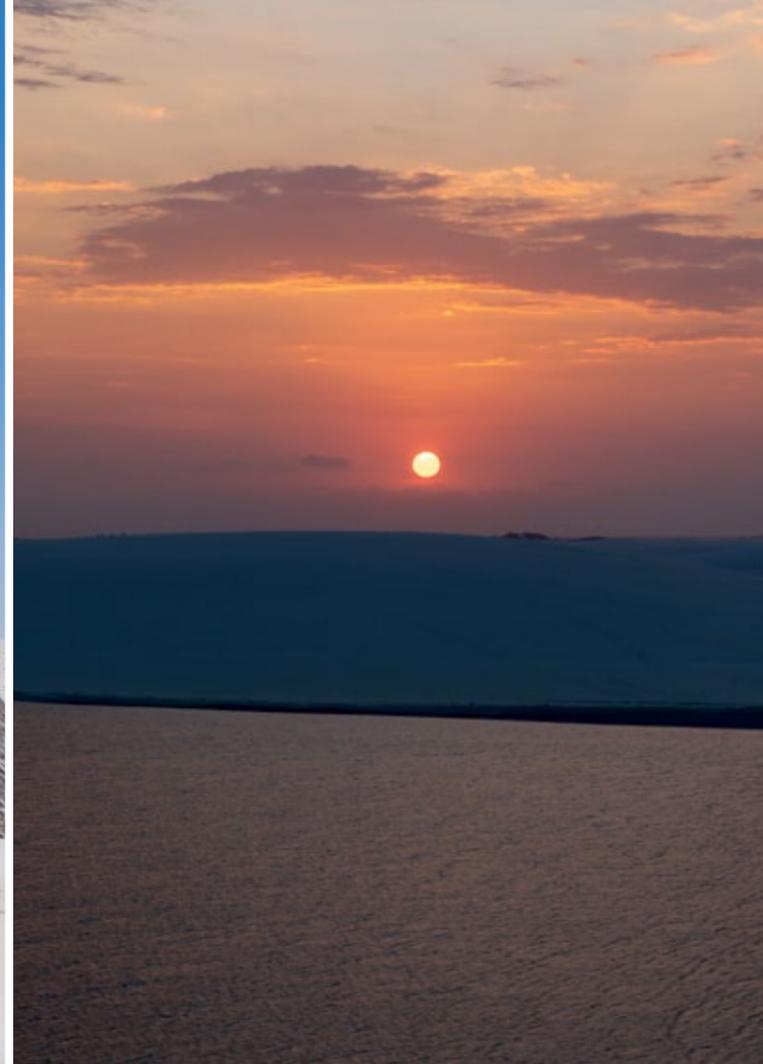
Um refúgio nativo, a Casa Patacas é a única hospedagem dentro do Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses



Vista sobre a Casa Patacas. Na página ao lado, a lagoa da Rancharia marca a fronteira entre a areia e a vegetação

FOTO BRUNO MOSCARDO





Pai e filho seguem suas práticas tradicionais de subsistência, proveniente da pesca. Na página ao lado, a cabana que os pescadores usam para se abrigar durante os dias de pesca e pôr do sol na região

abro a porteira da Casa Patacas, um refúgio do nativo seu Aureliano, que foi restaurado e adaptado como uma hospedagem rústica e deliciosa, em uma localização privilegiada: a única dentro do Parque Nacional, entre duas comunidades, a Patacas e a Rancharia.

Sou recebida por seu Francisco e dona Rosinha, habitantes da Rancharia e familiares do guardião desse lar histórico. Reestruturado pela baiana Lisyane Arize, criadora e articuladora do primeiro ponto de cultura e preservação dos saberes e fazeres tradicionais e artísticos do Maranhão – um projeto reconhecido pelo Ministério da Cultura –, a Casa Patacas preserva sua estrutura original, possui três quartos e acomoda até sete pessoas. O refúgio ganha vida inspirando-se na história maranhense, em uma gastronomia de sabores regionais, em experiências desenhadas sob medida e em uma decoração com objetos de artesãos do estado.

ENTRE LAGOAS E HISTÓRIA

Após uma noite embalada pelo vento e som das folhas de carnaúba, Dedé, um cozinheiro mara-

nhense, me desperta com tapioca, geleia de buriti e pão caseiro. Sigo para conhecer a vizinhança, enquanto o casal, que teve dez filhos, conta histórias de seus antepassados. A que mais me marca é o conto de que o pai e o avô de seu Chico foram atacados por uma onça enquanto realizavam seus ofícios na roça. Estranho ao pensar que existe esse felino no meio de tanta areia, até que aprendo que o bioma local é o Cerrado, com influências de restinga e manguezal. Passeio pela casa deles, e Rosinha me explica que se há coqueiro e buriti é porque existe humano, já que eles exigem cuidados, seja com alguém se aproveitando de suas sombras, seja causando fumaça para abençoá-los.

Do outro lado de uma lagoa imensa, ainda cercada de vegetação, tenho o primeiro contato com as famosas lagoas. Formadas de janeiro a junho, a água da chuva se acumula entre as dunas e é mantida por uma camada impermeável do solo. A escolhida por Bruno e Priscila, os anfitriões da casa nessa temporada, é a da Rancharia.

Aproveito o calor imensurável do meio-dia para descansar, até que Eugênio, um dos dez filhos, me conduz em uma caminhada pela areia. O mais ba-





Acima, quarto e área externa da Casa Patacas, que preserva a estrutura original, com móveis e objetos de artesãos. Na página ao lado, redário da hospedaria

cana de estar com alguém que nasceu exatamente nessa terra, já que Rosinha teve oito de seus dez filhos em casa, é que eles conhecem a área como a palma de sua mão. Ele me mostra onde corujas-da-morraria constroem suas tocas, me sinaliza os lugares onde já houve moradia, uma vez que as dunas são móveis, e dizem que avançam sobre o continente cerca de 20 cm por ano, e até me indica um cemitério recém-emergido, marcado por ruínas de madeira. “A família do meu pai está enterrada aí”, comenta. Uma longa parada para assistir ao pôr do sol e a sorte de poder presenciar o nascimento da lua cheia de sangue, uma bola gigante avermelhada, que toma o céu com toda a sua potência, e logo chegamos de volta à Casa Patacas.

O dia seguinte é de puro descanso nas lagoas, uma preparação para a pescaria programada. No passado, me conta seu Chico, ele ia a pé por 17 km até o mar em busca de sustento. Mais tarde, passou a utilizar animais e hoje tem seu quadríciclo. Gentilmente, junto de seu filho Eugênio,

me convida para ver de perto como eles ainda fazem, nos meses de outubro a maio. Entram no mar com a água nos joelhos, esticam uma rede, um de cada lado, e a arrastam até chegar à praia. Possuem uma barraca para estender suas redes, apenas com teto, para garantir a viagem e o retorno com mais alimento. Quando chegamos lá, ela está tomada pela areia, o testemunho do trabalho paciente dos ventos oceânicos.

No último jantar, para fazer jus ao banquete preparado por Dedé, uma dupla de músicos surge sob a luz impressionante da Lua. Dando mais uma prova de que o Maranhão é especial, eles nos explicam o bumba meu boi, uma celebração que atravessa séculos e une mundos: o sagrado e o popular, o indígena, o africano e o europeu. A beleza única e surreal dos Lençóis Maranhenses com certeza é o grande atrativo do estado, mas, como disse Carnaval, “o que vale na vida é aprender”. Volto para casa ainda mais envolvida com essa terra, onde me sinto tão em casa. 📍



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code.



CULTURA



Cuba E O TEMPO

*Uma viagem de percepção histórica, cultural
e musical e com personagens emblemáticos
para entender - e amar - Havana*

POR FRANCISCO BOSCO



N

a série de TV *Ruptura*, funcionários de uma misteriosa empresa têm um chip implantado no cérebro que faz com que o seu *self* se divida: um eu do mundo burocrático nasce e se mantém completamente apartado do eu que vive no “mundo real”. A transição do *outie* (o eu de fora) para o *innie* (o eu de dentro) se dá a cada vez que a pessoa entra no elevador da empresa. Lá dentro, o chip é ativado e, quando as portas se abrem, o “eu” se torna “outro”.

Uma sensação semelhante acomete quem viaja para Cuba. Você sai do aeroporto de Panama City, que nada deve em escala e opções de consumo aos das grandes capitais do mundo, entra no avião da Copa Airlines e, dentro do *finger* do aeroporto de Havana, seu cérebro é reconfigurado.

O que muda, claro, é a realidade. E a mudança chega na forma de percepção da história. O aeroporto de Havana lança o visitante numa máquina do tempo, pois tudo ali parece ter sido congelado em algum lugar dos anos 1980. Quando você ganha as ruas, o choque se aprofunda: os clássicos *cadillacs* dos anos 1950 se alternam com os carrinhos vermelhos Lada, da antiga URSS, enquanto a paisagem começa a apresentar casarões de estilo colonial.

Ao lado, a bandeira de Cuba sobre a fachada do Gran Teatro de la Habana e carros vintage no centro da capital cubana. Na página ao lado, casario restaurado em Habana Vieja





No caminho até Habana Vieja, passamos pelo Memorial Granma, que eterniza o bravo ataque comandado por Fidel Castro à ditadura de Fulgêncio Batista. Logo à frente do Memorial ficam um monumento a José Martí, célebre escritor e artífice maior da independência cubana, bem como o Museu da Revolução, cercado de tapumes e gradis. “O Museu da Revolução está fechado para reformas.” Essa frase concentra a ruptura temporal da estadia em Cuba e os impasses que vive o país, desde o fim do bloco soviético.

CONTRASTES DE HAVANA

A atmosfera de volta para o passado se relativiza à medida que se explora Havana. Há galerias de arte contemporânea (destaque para a Contínua), boas mostras de novos artistas nos antigos museus, cafés e restaurantes de menu internacional, crianças com camisas de times da NBA, vitalidade nas ruas e a fervilhante FAC, na *calle 26* do charmoso *barrio* de Vedado. A Fábrica de Arte Cubano é uma mistura de centro cultural e *nightclub*, onde se pode encontrar uma juventude cubana estilosa, em um ambiente cosmopolita. Curiosidade antropológica à parte, ela é mais indicada para os viajantes jovens.

As atrações culturais de Havana começam pela história do país. Destaque para o monumento a José Martí e a bela esplanada que é a



Acima, carro antigo em frente à casa em estilo colonial em Havana e o monumento à José Martí na Praça da Revolução. Na página ao lado, o Museu da Revolução e seu interior



Praça da Revolução, com as imagens gigantescas e icônicas de Che Guevara e Camilo Cienfuegos. E ainda para o Capitólio, um colossal edifício neoclássico, que fica bem perto do imponente e excelente hotel Kempinski, cuja piscina, no *rooftop*, proporciona uma das mais belas vistas do mundo.

O Kempinski foi o hotel onde me hospedei. Sua localização não poderia ser melhor, no centro de Habana Vieja, tendo na frente o lindo edifício do Museu Nacional de Belas Artes e, na esquina, o famoso bar Floridita, em que Ernest Hemingway gostava de tomar seu daiquiri – o mojito ele preferia na Bodeguita, também perto do hotel. Recomendo muito a estadia no Kempinski. Além da localização, os quartos são amplos e confortáveis, o *staff* é simpático e atencioso e no restaurante do *rooftop* comi um *tamal* de *cazuela* inesquecível.

As atrações culturais seguem por museus e galerias de arte, com destaque para a Escola Superior de Artes (um projeto ousadíssimo, que acabou inacabado por motivos de autoritarismo estético-ideológico e é, por isso, difícil de visitar). Passam ainda pelas pequenas livrarias, das quais há

As atrações culturais de Havana começam pela história do país e lançam os visitantes em uma máquina do tempo



Acima, em sentido horário, o Grande Salão do Capitólio, drinks no famoso bar Floridita, movimento na Bodeguita del Medio e fachada da Libreria Venecia. Na página ao lado, pira do Memorial Granma

muitas em Habana Vieja. Me encantou em particular uma pequenina, chamada Libreria Venecia, na Rua Obispo. Nela pude encontrar a onipresente seção de livros sobre a revolução, mas também literatura contemporânea cubana e clássicos da literatura europeia.

MÚSICA DE ALMA

É óbvio, entretanto, que a maior atração cultural de Cuba é a sua música. Junto ao Brasil e aos EUA, Cuba completa o trio de países com o mais rico cancionero popular do mundo. Sou fã há muitos anos de Ernesto Lecuona, Los Van Van, Celia Cruz, Irakere, Chucho Valdés, Gonzalo Rubalcaba e Pablo Milanés, entre muitos outros. Bem, basta dizer que minha filha mais velha se chama Iolanda, como a da canção de Milanés (sucesso no Brasil em versão de Chico Buarque).



Mural de Che Guevara
em rua de Havana



Ao lado, músico toca trompete em rua de Habana Vieja. Na página ao lado, banda cubana se apresenta no centro da capital e performance de danças africanas

No ensaio do conjunto, conhecemos uma salsa romântica, cujo refrão não saía de nossa cabeça. Procurei-a por dias no YouTube (o Spotify não abria lá) e nada. No dia de nossa partida, perguntei ao Joaquín, o motorista de táxi que nos acompanhara durante a viagem, se a conhecia. Ele imediatamente a reconheceu (*Sueño de Cristal*, com Tania Pantoja), colocou no som do carro e fomos cantando juntos, vibrando no refrão. Ao chegar ao aeroporto, nos demos um abraço apertado de despedida. Cuba ficou no meu coração como poucos lugares em que estive. 📍

Em Havana, há uma clave e um bongô em cada esquina. Um dia, nossa amiga Bela Gil estava passeando e se deparou com um Centro de Cultura Yoruba. Entrou e, para a nossa imensa sorte, um grupo de salsa estava ensaiando. Ela nos chamou e pudemos assistir a um show particular, que acabou me fazendo levantar da cadeira e botar meus velhos bailes de salsa e *guaguanko* para jogo. A convite dos músicos, fomos assistir ao show deles no Delírio Habanero, um espaço no complexo do Teatro Nacional, onde só havia cubanos. Éramos os únicos turistas. Na saída, ainda conseguimos pegar um extraordinário espetáculo de música e dança africanas, no palco principal do teatro.



BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

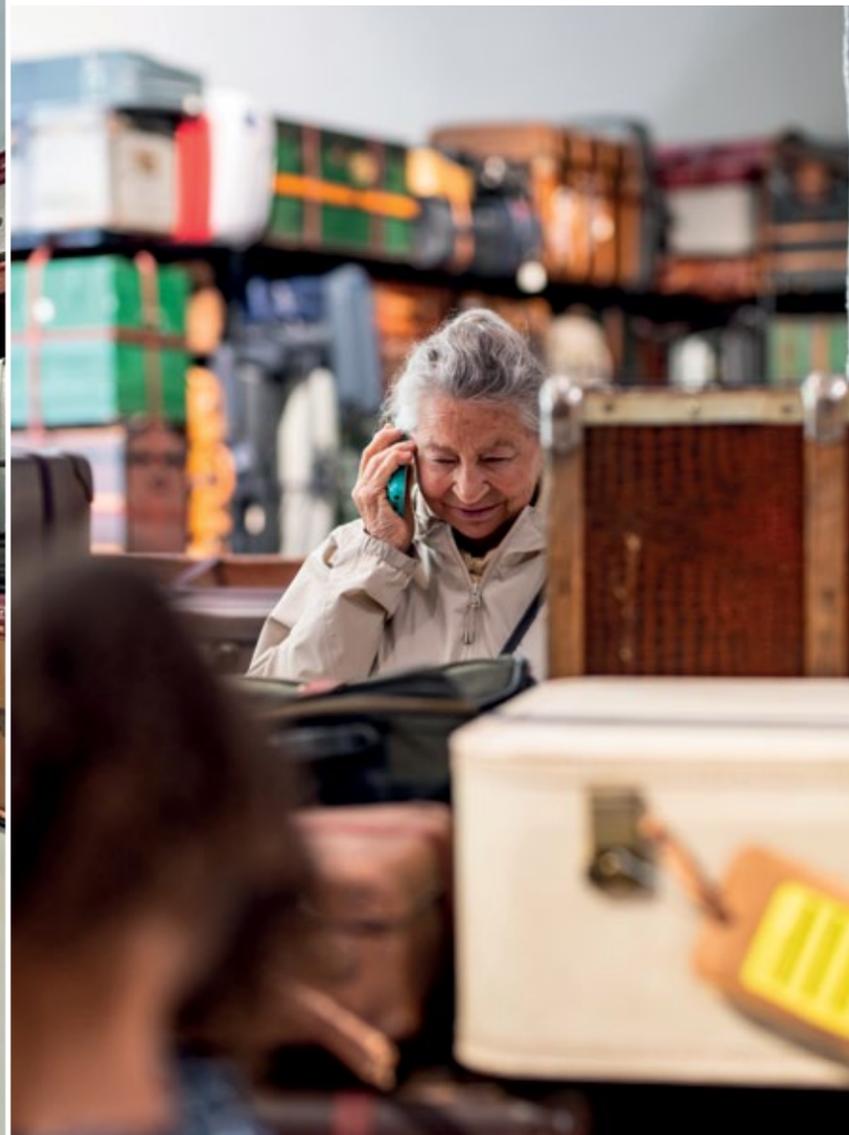
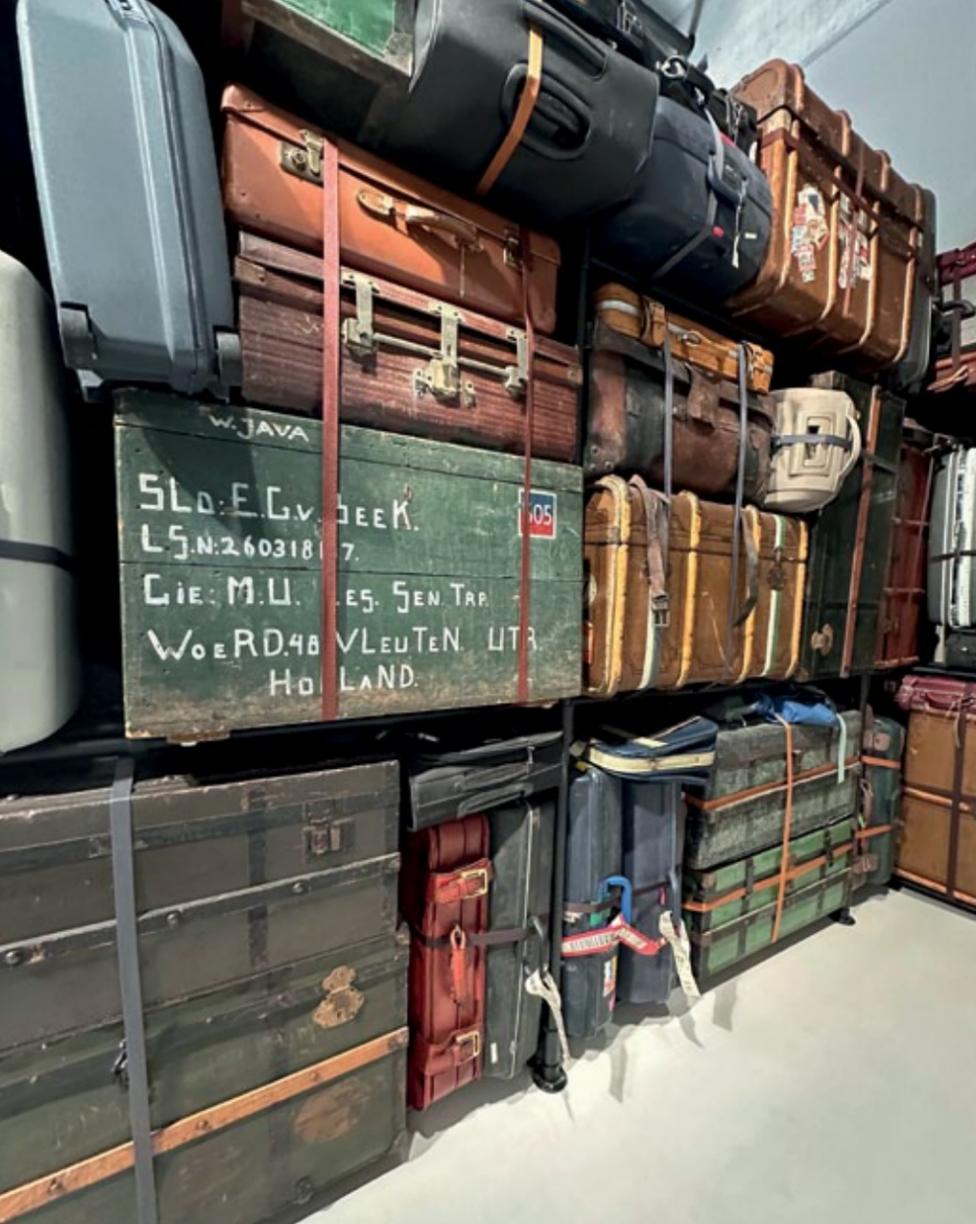
ARTE

A Nova Capital da Vanguarda e da Arte

*Em Rotterdam,
o museu mais aguardado,
e necessário, destes
tempos transforma arte,
arquitetura e memória
em uma poderosa
ode ao pertencimento*

POR ERIK SADAQ





Com silhueta arrojada e alma resiliente, Rotterdam se transformou, sem muito alarde, em uma das cidades mais vibrantes da Europa. Moderna por vocação e profundamente enraizada em sua história portuária, a segunda maior cidade dos Países Baixos é hoje uma verdadeira capital do pensamento criativo. Aqui a arte, a arquitetura e a memória caminham lado a lado, refletidas em construções audaciosas e museus que abrigam coleções impressionantes e espaços onde o passado se projeta no presente, convidando à reflexão sobre os caminhos que moldam o futuro.

A nova atração dessa cena pulsante é o recém-inaugurado Fenix Museum of Migration, um projeto que transforma o conceito tradicional de museu. Instalado em um antigo armazém da Holland America Line, de onde zarparam milhões de europeus rumo ao “Novo Mundo”, o Fenix transforma a ideia de partida em potência poética. A arquitetura, assinada pelo premiado escritório chinês MAD Architects, é por si só uma declaração: a memória é global, e as travessias também.

Acima, obra do inglês Francis Alys na mostra *All Directions* e o painel *Dislocated Origins*, do norte-americano Hugo McCloud na mesma exposição. Na página ao lado, a instalação *Labirinto de Malas* e visitante observa a mesma obra no Fenix Museum of Migration

O PESO DAS MALAS, A EMOÇÃO DOS ENCONTROS

Ao entrar no museu, sou impactado por uma instalação monumental: uma escultura forma um imenso corredor de malas suspensas, que contam centenas de histórias reais, narradas por etiquetas interativas acessadas de um moderníssimo sistema de *audioguide*. É como se o passado se recusasse a ser apenas uma lembrança. Em cada etiqueta, uma alma em trânsito compartilha sua jornada, e é impossível não nos reconhecermos em algumas delas. A experiência mantém viva não somente cada trajetória, com seus percalços, desafios e incertezas, mas também o espírito de transformação que toda partida carrega.

A exposição fotográfica no segundo pavilhão térreo emociona ao revelar o olhar de imigrantes de diferentes continentes, épocas e circunstâncias. Casais, famílias, pessoas LGBTQIA+, refugiados, muitos em contexto de vulnerabilidade, tiveram momentos cruciais de sua nova vida capturados ao longo do século XX, e até os dias atuais, por fotógrafos renomados e anônimos. As imagens misturam dor, ternura, medo e esperança, convidando o visitante a refletir sobre seus próprios caminhos e andanças. Um mosaico sensível da condição humana em movimento.



ARQUITETURA DOS ABRAÇOS

Do térreo ao terraço, uma escadaria metálica em espiral conecta, no real sentido da palavra, todos os andares. Ao contrário da célebre escada do Vaticano, projetada pelo engenheiro e arquiteto italiano Giuseppe Momo, onde os caminhos nunca se cruzam, aqui a proposta é o encontro. O estúdio MAD concebeu uma gigantesca estrutura espelhada para refletir não só quem somos naquele instante, mas quem poderíamos ser. Independentemente do caminho escolhido, cruzamos com estranhos subindo, descendo, hesitando cada um em sua própria travessia. A metáfora é potente: somos todos trajetórias em movimento, e o museu nos convida a enxergar a dos outros com empatia.

O encontro no topo do museu é celebrado pela transformação da escada em uma escultura que já integra a paisagem do maior porto da Europa. Dali é possível avistar outro prédio da Holland America Line e o hotel onde o maior contingente migrante de que se tem registro aguardava o momento de partir rumo às ex-colônias do leste asiático ou ao horizonte promissor do Novo Mundo. Ao redor, os arranha-céus de Rotterdam e os edifícios residenciais reconstruídos após os bom-



bardeios da Segunda Guerra Mundial compõem um panorama que é, ao mesmo tempo, memória e renascimento. Uma cidade que, assim como seus imigrantes, se refez de suas próprias ruínas, se reinventando a cada geração.

ARTE COMO TRADUÇÃO DO INDIZÍVEL

Com curadoria sensível e provocadora, o Fenix traz obras de artistas como Ai Weiwei, Kara Walker, William Kentridge, Marilá Dardot, Shirin Neshat e

Com curadoria sensível e provocadora, o Fenix nos convida a enxergar as trajetórias dos outros com mais empatia

Acima, biombo japonês do século XVIII e a obra *Refugee Astronaut IX*, do britânico Yinka Shonibare. Na página ao lado, vista externa do Fenix Museum e a escadaria metálica que conecta todos os pisos do museu

Do Ho Suh, entre outros, em diálogo com mestres do passado, como Rembrandt. São pinturas, instalações, vídeos e esculturas, que não falam apenas de fronteiras e passaportes, mas também de perda, reinvenção e, sobretudo, pertencimento.

Em meio a tantas obras, chamou a minha atenção um biombo japonês sem autoria, datado do início do século XVIII, quase 100 anos após a Holanda conquistar o monopólio do comércio com a ilha. Acostumado a ver samurais, ondas de tsunamis e estampas de quimonos impressos nesses painéis, como uma escultura dobrável, me surpreendi ao encontrar ali dois mercadores holandeses. Vestindo trajes pretos de brilho austero (o auge da moda entre os primeiros calvinistas), com calças de corte oriental, eles estampam um dos objetos que, invariavelmente, representam o imaginário da Terra do Sol Nascente. Um retrato histórico do peso das travessias e da criatividade de seu intercâmbio de moda e costumes.

Entre gravuras de artistas renomados e anônimos, repousam relíquias que falam ao íntimo da condição humana. Estão aqui diários originais de Einstein, escritos antes de sua partida aos Estados Unidos, e de Freud, pouco antes do exílio



forçado em Londres. São páginas que registram pensamentos e também o peso de deixar para trás tudo o que se conhece e nos fazem refletir sobre o que seríamos como humanidade se figuras como eles não tivessem partido rumo ao desconhecido.

Na mesma sala, um caixão de Gana, onde os funerais são celebrados com esculturas alegóricas que representam a vida de quem partiu. Em forma de um grande peixe, a peça homenageia um pescador. Cada objeto exposto parece sussurrar a mesma ideia: migrar é morrer um pouco, e renascer em outro lugar.

Do lugar de quem migrou, posso afirmar: uma visita ao Fenix basta para entender que migrar não é apenas mudar de endereço. É um ato de amor da parte de quem chega e da nação que decide acolher. Migrar é como trocar de pele. E a arte ali, mais do que ilustrar, provoca e devolve humanidade às estatísticas.

ALÉM DO FENIX: UMA CIDADE-ESPAÇO PARA A ALMA CONTEMPORÂNEA

A vibrante cena artística de Rotterdam vai muito além do Fenix Museum. O Depot Boijmans Van Beuningen, considerado o primeiro depósito de arte totalmente acessível ao público no mundo, guarda mais de 150 mil obras, de clássicos flamengos e holandeses, como Bosch e Bruegel, a Yayoi Kusama e Anselm Kiefer. Instalado em uma imensa estrutura espelhada em formato de tigela invertida, projetada pelo prestigiado estúdio MVRDV, o edifício é uma verdadeira obra de arte. O visitante circula entre galerias, ateliês de restauro e arquivos, acompanhando de perto a rotina de restauradores, como um museólogo em plena imersão.

Acima, vista sobre as Casas Cubo, marca da criatividade urbana de Rotterdam. Na página ao lado, o moderno e badalado Markthal e vista frontal das emblemáticas Casas Cubo, de Piet Blom





Enraizada em sua história portuária, Rotterdam é hoje uma verdadeira capital do pensamento criativo, onde arte, arquitetura e memória se encontram

Logo em frente, o Het Nieuwe Instituut, um centro de reflexão sobre arquitetura, design e cultura digital, está instalado ao lado da Casa Sonneveld, uma relíquia modernista dos anos 1930 – uma visita obrigatória para entender as ideias que explodiram no mundo a partir da minimalista escola De Stijl, capitaneada por Mondrian, Gerrit Rietveld e outros pintores, arquitetos e poetas no começo do século XX.

No caminho até o centro, instalado no jardim de um dos campus universitários da cidade, o Kunsthal Rotterdam tem o prédio assinado por Rem Koolhaas e traz exposições temporárias que desafiam os limites entre moda, design, performance e artes visuais. E na área mais central o badaladíssimo Markthal, também assinado pelo estúdio MVRDV, concentra restaurantes, cafés e um mercado vibrante, sendo a parada certa para almoço ou *happy hour*. Logo ao lado, as emblemáticas Casas Cubo, projetadas por Piet Blom, são um lembrete de que, em Rotterdam, a criatividade é uma política urbana.



Acima, vista do *skyline* da cidade com a Ponte Erasmuburg ao fundo. Na página ao lado, o incrível Depot Boijmans Van Beuningen, com mais de 150 mil peças no acervo, e obras no interior do mesmo museu

O que torna essa cidade tão única talvez seja seu compromisso com a reinvenção. Da Erasmusbrug, uma ponte que conecta o passado portuário ao futuro urbano, às intervenções arquitetônicas de Renzo Piano e Norman Foster no bairro Kop van Zuid, tudo pulsa com a energia de uma cidade que não apenas se reconstruiu, mas se redescobriu.

Visitar Rotterdam hoje é mergulhar em uma prévia do futuro da Europa e talvez da humanidade. A cidade neerlandesa capitaneia a lista de destinos que abrigam, escutam e ousam propor novas formas de viver juntos, a partir de sua paisagem urbana e de seus centros de arte. 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br





ESPORTE

QUIRGUISTÃO irresistível

Uma paisagem complexa e diversa, os desafios de vencer montanhas, lagos, florestas e altitudes em trekkings e cavalgadas, as noites em yurts tradicionais e a recompensa de conhecer – e vivenciar – um país que honra suas origens e exalta sua cultura milenar

POR KARINA OLIANI
FOTOS DE JULIANA BEU MANZANO



H

á destinos que não aparecem nos roteiros tradicionais, mas que chamam o espírito aventureiro como um sussurro constante. O Quirguistão sempre foi assim para mim — um país pouco explorado por viajantes, mas de natureza bruta e cultura fascinante. Localizado no coração da Ásia Central, cercado por cadeias de montanhas, trata-se de um território 90% montanhoso. E para quem, como eu, respira montanha, isso já é razão suficiente para querer explorá-lo.

Mas havia mais. Algo na cultura quirguiz me atraía profundamente: a relação visceral com os cavalos, a vida nômade, os *yurts* — tendas circulares de feltro, brancas como neve, que por séculos abrigaram famílias viajantes — e uma hospitalidade genuína. Eu queria viver isso. Queria dormir em *yurts* sob o céu mais estrelado que pudesse encontrar, percorrer vales a cavalo, sentir o cheiro do chá quente, servido pelas mãos calejadas de quem vive da terra.

A viagem começou na capital, Biskeque, no fim de julho. Uma cidade de ruas largas, praças monumentais e mercados fervilhantes. Fizemos um *city tour* que passou pela Victory Square, pelo Museu de História e, claro, o imenso Osh Bazar, o coração comercial da cidade. Entre temperos coloridos, pães recém-assados e tecidos bordados à mão, já comecei a sentir que estava entrando em outro tempo.

VENCENDO MONTANHAS

No dia seguinte, encontramos nossos guias e partimos em carros 4x4 rumo a uma rota em que, praticamente, não dormiríamos duas noites no mesmo lugar. A primeira parada foi a Burana Tower, um minarete do século XI, vestígio da antiga cidade de Balasagun, um importante marco da Rota da Seda. Ali, entre pedras entalhadas e artefatos arqueológicos, percebi que estava diante de séculos de história de caravanas que cruzavam continentes.

Acima, o Mars Canyon impressiona pela tonalidade e pelo relevo complexo



Acima, em sentido horário, especiarias no Osh Bazar, pão típico do mesmo mercado, músico com seu instrumento típico no *komuz* e prato da culinária quirguiz, à base de carneiro. Na página ao lado, início do *trekking* até Ala-kul Lake e restaurante no trajeto

Seguimos para Karakol, na margem leste do Issyk-Kul, o segundo maior lago alpino do mundo. Com 180 km de comprimento e cerca de 700 m de profundidade, suas águas refletem as montanhas nevadas e parecem infinitas. A ponto de se confundir com o mar. Mas nosso foco estava um pouco mais acima: o *trekking* até o Ala-kul Lake, a 3.400 m de altitude.

Foram dois dias e meio de subida técnica e exigente. Passamos por vales verdes, cruzamos pontes improvisadas sobre rios glaciais e vencemos desníveis que queimavam as pernas até de montanhistas experientes. O esforço, porém, foi recompensado: o lago surgiu diante de nós como uma joia esmeralda incrustada entre picos rochosos. Dormimos ali, em um acampamento estruturado em sua beira, e, quando a noite caiu, veio um dos espetáculos mais impactantes da viagem: um céu salpicado de estrelas tão brilhantes que pareciam pulsar. Longe

de qualquer luz artificial, desfrutamos o verdadeiro “hotel mil estrelas”.

Na manhã seguinte, subimos novamente até o Ala-kul Pass, a 3.920 m, onde minha filha, Kora, com apenas 3 anos de vida, tornou-se a primeira criança a cruzar aquele passo. A admiração dos guias era visível. Para eles, ver uma criança tão confortável carregada montanha acima era raro e inspirador.

A descida foi íngreme e técnica, até chegarmos ao Vale de Altyn Arashan, famoso por suas fontes termais. Parte do grupo optou por descer a cavalo, cruzando florestas densas e prados onde cavalos selvagens pastavam livres. O cenário parecia de filme: um rio cristalino serpenteava pelo vale, cercado por pinheiros gigantes. O mergulho nas águas quentes das *hot springs* relaxou cada músculo cansado.



Acima, cavalgada pela margem do Song-kul Lake e interação com a cultura dos povos nômades. Na página ao lado, o céu estrelado no pernoite em um dos *yurts*

VIVÊNCIA PLENA

Nos dias seguintes, exploramos alguns dos cânions mais impressionantes do país: o Seven Bulls, formado por imponentes rochas vermelhas, o Fairytale Canyon, com formações que lembram castelos e dragões, e, o meu favorito, o Mars Canyon, um pedaço de planeta vermelho perdido na Terra. Ao anoitecer, chegamos ao acampamento de *yurts*. Naquele silêncio absoluto, com o vento percorrendo as planícies e o céu mais estrelado e limpo que já vi, tive a sensação de que o mundo inteiro cabia ali.

No dia seguinte, vivemos um mergulho cultural intenso no Salburun Birds of Prey Festival, que ocorre uma vez ao ano durante o verão. Entre apresentações de falcoaria – uma tradição milenar em que caçadores treinam águias para capturar presas – e competições equestres de tirar o fôlego, fomos recebidos como velhos amigos. Comemos *plov*, um arroz com carne preparado em grandes panelas, atiramos arco e flecha, conversamos com famílias nômades e compramos artesanatos únicos. A música, os tambores e as águias voando no vale criaram uma atmosfera inesquecível.

Mas o ápice da imersão veio no Lago Song-Kul, a 3.000 m de altitude. Durante o verão, famílias seminômades sobem com seus rebanhos para aproveitar o pasto abundante. Ficamos duas noites em um dos melhores acampamentos de *yurts* da região.



As emoções dos *trekkings* foram intercaladas pela alegria de mergulhos culturais autênticos e pernoites em *yurts* típicos

Logo na chegada, assistimos um jogo de *kok-boru* – um esporte tradicional que mistura polo e rúgbi, mas com a carcaça de uma cabra sem cabeça no lugar da bola. Chocante para nós, fascinante para eles. Após a partida, a carne foi preparada para a refeição comunitária em minutos.

Fizemos então a cavalgada mais bonita da viagem, talvez da vida. Seguimos pela margem do lago, subindo até um mirante com antigos petroglifos. Lá de cima o lago parecia um espelho azul-marinho infinito, cercado por montanhas douradas pelo sol da tarde. Interagimos com os nômades, provamos bolinhas de queijo, que derretem lentamente na boca, galopamos muito e ouvimos histórias de gerações que vivem em harmonia com a natureza.

No último dia, antes de retornar a Biskeque, exploramos o Ala-archa National Park, a apenas 40 minutos da capital. Fizemos uma trilha até uma cachoeira a 2.800 m, rodeada por picos nevados de cerca de quatro horas. E a viagem terminou com um jantar de despedida inespe-



Acima, acampamento durante o trajeto. Na página ao lado, apresentação de falcoaria, o grupo em ação em um dos *trekkings* e performance durante o Salburun Birds of Prey Festival

rado, com sushis surpreendentemente bons (sim, Biskeque tem ótimos restaurantes japoneses), e muitas histórias compartilhadas. Entre risos e abraços, e com o nosso time completo, a certeza era única: não voltaríamos iguais.

O Quirguistão, assim como as Epic Trips, não é para quem busca o luxo de hotéis cinco estrelas. É para quem troca o conforto pela grandiosidade da natureza. Para quem quer sentir o vento frio no rosto a 3.000 m, ver a Via Láctea inteira sem precisar de telescópio, ouvir o som dos cascos ecoando nas planícies e provar comidas que carregam séculos de tradição. E é justamente por isso que ele é irresistível. 📍



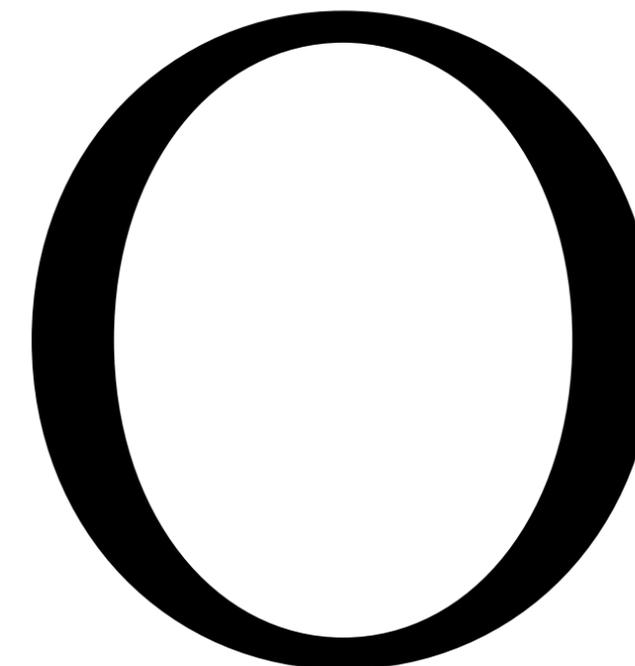


BEM-ESTAR

ENTRE A SELVA E A SERENIDADE

*Em meio ao verde da Mata Atlântica e ao lado
do Parque das Cataratas, o Awasi Iguazú propõe
restaurar o corpo e a mente em uma mesma jornada*

POR MARI CAMPOS



canto dos pássaros se intensifica enquanto os primeiros raios do sol inundam a floresta. Entre o farfalhar de árvores de distintos tipos e tamanhos, ouve-se um inconfundível som de água corrente ao fundo. Vizinho às majestosas Cataratas do Iguazu, na Argentina, converge a hospedagem em um pequeno ensaio sensorial de bem-estar. Parte da

rede Awasi Lodges (que inclui propriedades sustentáveis no Deserto do Atacama, na Patagônia chilena e agora também em Santa Catarina), ele é um refúgio singular, um projeto de reconexão individual no qual a palavra estresse simplesmente não existe.

Na propriedade, imersa em um cenário tomado por tantos tons de verde, a prática japonesa do *shinrin-yoku* (banho de floresta) é constante. O simples ato de caminhar entre a exuberante vegetação nativa, mesmo no percurso entre o restaurante e a acomodação, já melhora o humor e acalma a respiração.

São apenas 14 vilas, erguidas sobre palafitas, suspensas entre árvores centenárias da Mata Atlântica, em uma encosta íngreme que leva ao Rio Iguazu. Não há excessos, nem de concreto: elas foram construídas com pinho proveniente de florestas manejadas de forma responsável, garantindo o mínimo impacto no solo – e permitindo que a fauna local (que inclui de tucanos a cotias e até jaguatiricas) também possa seguir seu caminho livremente.

A arquitetura sustentável integra com sutileza madeiras nativas, fibras locais e muito artesanato guarani (uma herança que ali não assume posição de adorno, e sim de orgulhosa presença) à sinfonia de verdes do entorno. Todas as vilas contam com muito espaço, decks privativos com piscina e a mata sempre à vista, inclusive da cama.

Cada uma tem seu próprio guia e veículo 4x4 à disposição: é o viajante quem define seus horários, ritmo, experiências e a profundidade de sua imersão.



Acima, a exuberância frondosa das Cataratas do Iguazu e a vida selvagem em meio à natureza: desconexão garantida



CONVITE À QUIETUDE

Embora o *lodge* esteja bastante próximo da cidade argentina de Puerto Iguazú e da fronteira com o Brasil, o silêncio ali é ouro. Ele parece realmente remoto, de tão cercado pela natureza que estamos o tempo todo. A maior parte das atividades oferecidas aos hóspedes é silenciosa, atrelada ao descanso e favorecedora de noites de sono profundo – o que, sabemos bem, molda definitivamente a experiência de bem-estar do viajante. Tudo está incluído, das refeições e bebidas aos passeios pela região. E tudo é pensado para ser experimentado de maneira tranquila e privativa, de modo que a arrebatadora natureza seja sempre protagonista.

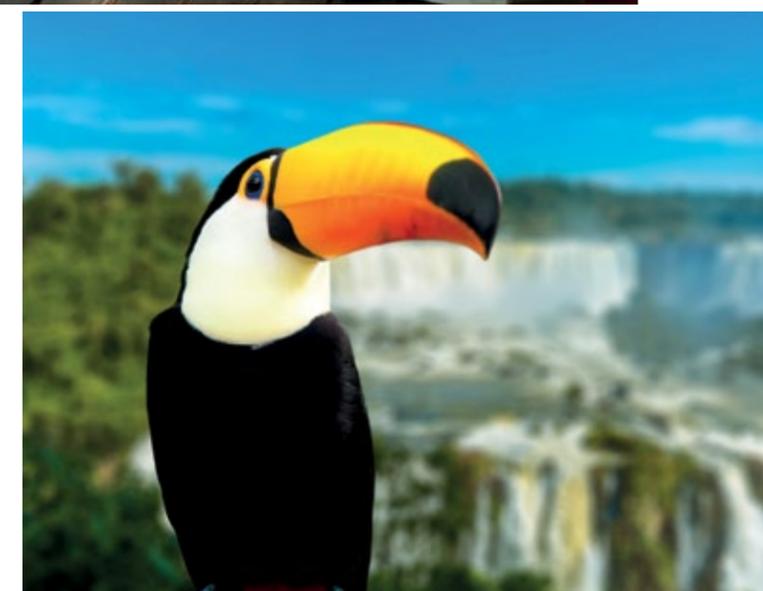
Para visitar a Garganta do Diabo, por exemplo, o *lodge* propõe que se chegue ao amanhecer, antes da abertura oficial do parque e da entrada dos demais turistas, testemunhando em silêncio quedas espetaculares, como San Martín, Bossetti e Dos Hermanas – um privilégio raro. É nesse cenário de contemplação genuína que podemos meditar diante das mais poderosas quedas-d'água do planeta.

O amplo menu de passeios e atividades respeita o ritmo de descoberta de cada um e foge dos roteiros tradicionais da região. O leito dos rios, a superfície

dos lagos e os muitos mirantes dos arredores revelam a arrebatadora paisagem e a geografia da Tríplice Fronteira sob diferentes perspectivas. Há roteiros de observação de vida selvagem, passeios em bicicleta, caiaque e barco, visitas a comunidades guaranis, SUP em lagoas quase secretas, trilhas até cachoeiras escondidas, visitas a ruínas tombadas pela UNESCO, cavalgadas e caminhadas em meio à selva.

O ato de comer também é sempre apresentado como mais uma forma de conexão com o destino e reconexão com o corpo. Fazendo uso dos ingredientes mais frescos, locais e sazonais, a cozinha, com a chancela Relais & Châteaux, leva a selva à mesa, com uma impressionante quantidade de sabores em cada prato, das clássicas empanadas aos saborosos peixes de rio na brasa.

Com sofisticação e criatividade, os ingredientes da mata e as receitas mais tradicionais da região são aproveitados e reinterpretados, em um menu degustação no restaurante principal ou em um bucolico almoço durante um passeio de barco – tudo devidamente harmonizado com uma carta de vinhos orgânicos e de vinícolas boutique, além de ótimos coquetéis autorais. Até a casca do tronco do abundante jacarandá se transforma em uma compota deliciosa.



Acima, sessões de *sound healing* são realizadas no terraço das vilas ou nos jardins do hotel, e um tucano, ave recorrente na região. Na página ao lado, prática de ioga ao ar livre e sala de massagem



A potência da vazão das espetaculares
Cataratas do Iguaçu



Acima, terraço com piscina de uma das vilas. Na página ao lado, o quarto e o living das amplas acomodações

RECONEXÃO CONSTANTE

Com o cenário sempre envolvente da Mata Atlântica, até os rituais mais simples garantem o máximo de bem-estar. A brisa fresca, os aromas da floresta e o silêncio das noites maxiestreladas são um convite constante ao equilíbrio e à reconfortante sensação de permanência.

Novas sessões de ioga e *sound healing* (a deliciosa e calmante terapia dos sons, de origem asiática)

acabam de entrar no cardápio de atividades do hotel, sendo realizadas de maneira privativa no terraço das vilas ou nos belos jardins.

As práticas de ioga se focam nas tradições *hatha* e *tantra*, combinando exercícios de respiração (*pranayama*), posturas físicas (*ásanas*) e meditação com mantras – tudo pensado para canalizar a energia, cultivar a atenção plena e favorecer o equilíbrio e a harmonia interior.

É também no conforto das vilas ou na paz dos jardins que são feitas as massagens e terapias oferecidas pelo Awasi Iguazú, ainda mais gos-

tosas depois das aventuras diárias *outdoor*. Há opções para esfoliar, hidratar e desintoxicar, além de drenagens e reflexologia.

Um grande sucesso é a massagem Herbal Pinda, para relaxar, aliviar as tensões musculares e promover um *detox* por meio de movimentos precisos, que deslizam sobre o corpo delicados sachês, feitos de ervas colhidas na propriedade.

Após a massagem, um bem-vindo chá de ingredientes locais e sazonais é servido, quente ou gelado, dependendo da temperatura externa. Para ser degustado ao ar livre, com corpo e mente completamente relaxados, ouvindo o canto dos pássaros, o farfalhar das árvores, o poderoso som da água corrente ao longe... Serenidade máxima em plena selva! 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET

Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistauquiet.com.br



C6BANK

APRESENTA

PROUDLY

FOTOS ALAMY



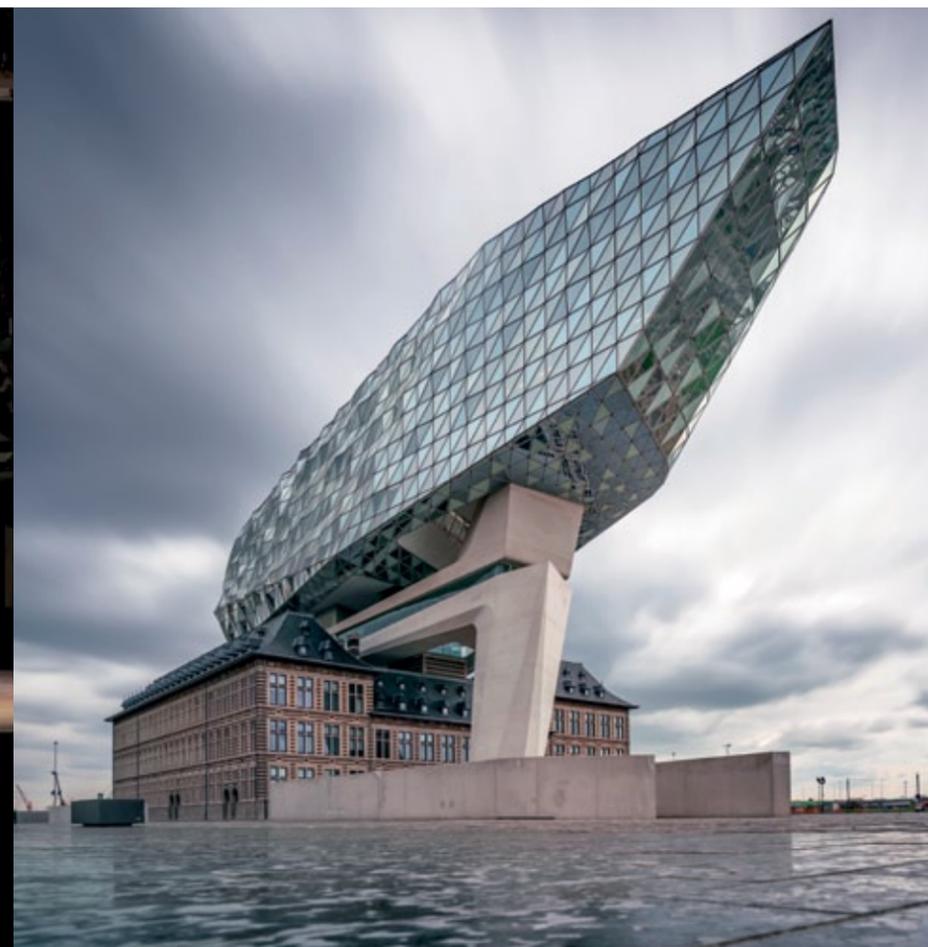
Antuérpia: orgulho lapidado

Como um diamante sendo aprimorado, a cidade belga cintila com as promessas de um futuro plural

POR ERIK SADAO

A Antuérpia sempre foi sinônimo de brilho. Seus diamantes, lapidados com precisão, têm atravessado os séculos como símbolos de valor e desejo. Hoje a cidade é uma nova gema sendo revelada. Aos poucos, esse destino, visto como secundário na Bélgica, vem sendo esculpido como um porto seguro para quem busca viver a melhor versão de sua verdade, com orgulho, arte e muita liberdade.

O histórico de espírito acolhedor e vanguardista da maior cidade de Flandres reflete a luz de múltiplas identidades. Zurnborg, um dos bairros mais descolados do mundo em 2025, segundo a *Time Out*, tem uma arquitetura art nouveau de causar ciúme na vizinha Bruxelas e muitos cafés autorais de atmosfera criativa, que acolhem a cena *queer*. Ali espaços como o Het Roze Huis funcionam como verdadeiros faróis da diversidade: um centro cultural LGBTQIAP+ onde se compartilham histórias de resistência e celebrações durante o ano todo.



Acima, o moderno e surpreendente edifício Port Authority, na região do porto, e cruzamento na cidade. Na página ao lado, em sentido horário, luzes da noite na Woodpop, performance no Darklands Festival e a Brabo Fountain, na praça principal da Antuérpia

Como é comum em outras cidades da Bélgica, e dos Países Baixos, o visitante LGBT é bem-vindo e aceito (inclusive quem não abre mão de demonstrar seu afeto em público!) em todos os estabelecimentos. A Bélgica está entre os países mais avançados da Europa em termos de direitos LGBT, com o casamento igualitário e proteções legais sólidas para expressão de gênero resguardados desde 2003.

O CORAÇÃO NOTURNO BELGA BATE EM ANTUÉRPIA

As veias noturnas da cidade correm com festas e eventos, incluindo muitas *circuit parties*, em espaços que variam de lofts industriais a clubes secretos, atraindo visitantes das vizinhas Bruxelas e Amsterdam e de outros grandes centros LGBT, como Madri, Berlim e Londres. Com estética forte, música eletrônica afinada e atmosferas que beiram o *impromptu*, as festas de Antuérpia invocam a liberdade do momento e se sustentam no boca a boca de fatia da comunidade LGBT, que costuma lotar a Woodpop, mais pop, e a H.I.M, com foco em house, techno e, claro, tribal, o que garante a bateção de leques, comum no meio gay.

Já os diversos bares e clubes da cidade dedicados ao público LGBT, como o emblemático Cargo Club (antigo Red & Blue), o clássico Hessenhuis e o instigante The Boots, um templo do fetiche de seis andares, que remete à Berlim mais *underground*, misturam festa e identidade, posicionando a cidade entre os centros europeus mais *LGBT-friendly* e mais progressistas do planeta.

Aos poucos, a cidade belga vai sendo esculpida como destino de orgulho, verdade e segurança

FOTOS REPRODUÇÃO, GETTY IMAGES E ALAMY

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ORGULHO E CELEBRAÇÕES DA LIBERDADE

No lendário calendário de eventos da cidade, dois assumem as vezes de rito de passagem para membros da comunidade LGBT: o Darklands Festival e a Antwerp Pride. O Darklands talvez seja o festival mais potente e orgulhoso da cena *fetish & leather* da Europa. Sempre em março, ele reúne uma verdadeira multidão no Waagnatie, um complexo instalado no antigo cais, em uma semana inteira de performances, *workshops* e festas, como a Fusion & Rage, e noites temáticas, que atravessam a madrugada em outros clubes e bares da cidade. No festival, o corpo é o palco e os limites são celebrados como um território político. Já a Antwerp Pride, geralmente no segundo final de semana de agosto, logo após a parada da vizinha Amsterdam, colore a cidade com muitos desfiles, debates, exposições e uma mescla vibrante de arte e ativismo. O porto, as ruas e as praças viram palco para vozes de todas as letras da sigla LGBT, que marcham com alegria, visibilidade e resistência. Ambos os eventos transformam Antuérpia numa arena onde a identidade encontra seu palco, a intimidade se mistura ao coletivo e cada festa veste não só corpos, mas muitas histórias.

Quando se pisa nesse destino, ainda considerado secundário no mapa turístico da Bélgica, entende-se que Antuérpia não apenas lapida diamantes. Ela lapida identidades como quem domina a delicadeza de uma joia rara, com luz e profundo respeito. Em cada celebração, Antuérpia brilha não pelo que reluz, mas pelo que revela: um verdadeiro espelho da diversidade. 📍

ENSAIO

Colecionando paisagens e
Sorrisos  **S**

*Andrei Plessi reúne beleza, paixão
e transformação social em sua jornada fotográfica*







Andrei Polessi encontrou na fotografia muito mais do que uma forma de registrar imagens: fez dela uma ferramenta para contar histórias, transformar vidas e conectar culturas. Seu primeiro contato foi precoce, aos 4 anos, quando o pai lhe deu uma câmera para brincar. “Cresci com ela nas mãos, ainda usando filme. Aos 15 anos, durante uma viagem à Itália, entendi a fotografia como um diário visual, uma linguagem própria”, lembra.

O fascínio pelo cinema, pelas artes e pelos livros de viagem da biblioteca dos pais – especialmente a coleção *Povos e Países* – alimentou ainda mais a sua curiosidade. “Aquilo me abriu para o mundo. A iconografia, os povos distantes, as culturas distintas. Foi ali que percebi que queria fotografar para mergulhar nessas realidades.” Ainda adolescente, seu primeiro ensaio virou uma exposição em Itatiba (SP), sua cidade natal. Daí para o laboratório em preto e branco e para o jornal local, foi um passo.

Embora tenha seguido carreira em publicidade e depois no design gráfico, a fotografia nunca deixou de pulsar. O retorno definitivo aconteceu em 2015, quando imagens guardadas de uma viagem à Índia e ao Nepal se transformaram em um livro, *Dharma*, cuja renda ajudou a construir uma escola na vila de Patle, no Nepal. “Voltei a fotografar usando a imagem como uma ferramenta de transformação social. Mais do que estética, o meu olhar é documental, comprometido em dar voz a pessoas e lugares.”

Referências como Sebastião Salgado, Steve McCurry, Cartier-Bresson, Sergio Larrain e Vivian Maier convivem em sua bagagem, com influências da pintura e da luz dos mestres. Acima de tudo, é o encontro humano que guia seu olhar. “O elemento humano é essencial, uma segunda camada sobre qualquer paisagem. São as pessoas que criam as nossas imagens.”

Entre os destinos mais marcantes estão o Vale de Zanskar, no norte da Índia, “um Shangri-lá de mosteiros milenares”, e o Nepal, com sua cultura resiliente diante das adversidades. Na África, ele criou vínculos profundos em Uganda e Etiópia, acompanhando missões médicas voluntárias. “São relações muito caras para mim.” Ainda sonha com o Japão e com novos caminhos que, como ele diz, citando Amyr Klink, “a vida é curta demais para percorrer os mesmos”.

Em 2023, Andrei lançou *Rascunho – Paisagens Humanas*, livro que reúne sua trajetória. “Chamei de *Rascunho* porque meu olhar é de tentativa e erro, de inquietação. O que busco é a beleza. Não a convencional, mas a poética, que pulsa nas histórias que encontro pelo caminho”. 📍



GASTRONOMIA

SOURCE



PARÁ ANCESTRAL

Regida pelas marés, o município mais importante do Marajó celebra uma gastronomia baseada na cultura marajoara, pungente, com sabores que transcendem o Pará e residem na ancestralidade da floresta, das praias e dos mangues

POR CONSTANCE ESCOBAR



Enquanto aguardava o meu embarque no terminal hidroviário de onde partem os barcos que ligam Belém à Ilha de Marajó, eu ponderava como o Brasil é um amálgama de muitas e diferentes camadas, que não cabe em definições rasas. Em poucos dias, o destino à minha espera confirmaria isso.

Uma visita exitosa ao maior arquipélago fluviomarítimo do mundo talvez dependa dessa compreensão da multiplicidade e das contradições que nos constituem como nação. Tudo ali convida a enxergar o Marajó não como ponto turístico, mas como o encontro com um “país” dificilmente traduzível em informes publicitários.

É preciso entender sua rusticidade e saber abraçar eventuais dificuldades de logística, bem como as imprevisibilidades que fazem parte da vida na ilha. Improviso e criatividade para enfrentá-las nunca faltaram ao povo marajoara, sabedor de que, para existir naquele território, é preciso, mais que ciência, alguma fé no que os olhos não veem.

QUEM MANDA NO MARAJÓ É A MARÉ

Em Soure, os rios e a floresta estão no comando. Se chove, pode chover muito. Se a maré avança, pode avançar muito – a famosa Praia de Pesqueiro, por exemplo, por obra de um desses avanços da maré, tornou-se recentemente um arremedo do que já foi.

Bastam dois dedos de prosa com os barqueiros que navegam pelo Rio Paracauari para entender que eles se orientam pela Lua e pelo conhecimento empírico que herdaram dos antepassados, pois, no encontro de rio com mar, dados matemáticos não conduzem com

precisão. “Quem manda no Marajó é a maré. Quem manda na maré é a Lua”, dizem os versos da canção Barreira do Mar, entoada em todas as rodas de carimbó da cidade.

O carimbó, aliás, merece o compromisso do visitante. Convém, ao chegar, informar-se dos dias e horários das rodas que acontecem durante a semana. O ritmo, que é uma manifestação cultural enraizada no DNA dos nativos, encontra no Conjunto Tambores do Pacoval sua expressão mais tradicional. Intraduzível, a fusão de música com encantaria tem também autênticas demonstrações em espaços como o Quintal do Carimbó e a brejeira tapiocaria Dona Bila. O restaurante da charmosa pousada O Canto do Francês é outro endereço que tem apresentações semanais, com um público mais de turistas do que de locais.

Se a força das marés surge nos versos do carimbó nas noites da cidade, é ela também a protagonista em suas manhãs e tardes. As praias de Soure podem revelar paisagens bastante diferentes a depender do horário em que se visite, se na maré alta ou na baixa. Tais transformações ao longo do dia é uma das mais poéticas atividades às quais se entregar.

São muitas as praias à disposição, desde as desertas, como a que se revela nas visitas guiadas à Fazenda São Jerônimo, até as que são predileções locais, como Barra Velha, considerada por boa parte dos moradores a mais bonita daquela orla. De fato, a exuberância da paisagem amazônica, a arquitetura ribeirinha dos restaurantes, o design verna-



Acima, fachada de uma das casas da colorida vila da Praia do Céu, e peixe frito servido em barraca na mesma praia. Na página ao lado, vista sobre a Praia do Céu

Búfalos se refrescam nos campos inundados em Soure



Em Soure os rios e florestas estão no comando. Paisagens surgem e somem ao ritmo da maré

cular em suas fachadas, tudo convida a ficar, especialmente em dias de semana fora da temporada, quando Barra Velha permanece vazia – em feriados e fins de semana, pode estar insuportavelmente cheia. Entre os quiosques debruçados sobre a areia, o Pai d'Égua serve uma comida simples e local, como caranguejo, peixe frito, filé de búfalo, e é dos poucos lugares que, além de peixe frito, fazem peixe na brasa.

Outro destino que merece longas horas de contemplação é a Praia do Céu. O encantamento se inicia no caminho, diante dos campos alagados, de uma beleza quase irreal dentro da Fazenda Bom Jesus, por onde se dá o acesso às comunidades Caju-una e Céu, que ostentam poético casario.

Se Caju-una não tem estrutura para refeições, já na Praia do Céu há quiosques com mesas na areia, onde é possível se instalar para observar o ir e vir das águas. No restaurante da pousada Brisa do Céu, há sempre peixe frito ou em caldeirada, na companhia simples e boa de arroz, feijão, farofa e vinagrete.

SAGRADOS MANGUEZAIS

Se engana quem chega a Soure com a expectativa de encontrar apenas paisagens praianas. O rico ecossistema de mangue é parte fundamental do cenário natural e da biodiversidade da ilha. Estar lá e não fazer um passeio por algum de seus igarapés de mangue, como o famoso

Igarapé do Mata Fome, é conhecer o destino pela metade. Os pequenos barcos chegam muito próximo às raízes das árvores, emaranhadas em desenhos que arrancam interjeições mesmo do mais blasé dos visitantes.

Nos caminhos que levam a eles, boas surpresas costumam surgir – como um mergulho de um boto tucuxi ou as revoadas de biguás. Com um pouco mais de sorte, dependendo do horário do passeio, revoadas de guarás podem comparecer.

SABOR MARAJOARA

É nas árvores das áreas de manguezais que ocorre o turu, um molusco típico da costa paraense, importante alimento e fonte de renda das famílias ribeirinhas. Pode ser consumido apenas com sal e limão, mas o caldo feito dele é uma iguaria presente nos cardápios marajoaras. Alguns passeios, como os organizados pela Marajó Imperial Tur, podem incluir a atividade de extração do molusco amazônico.

Também os búfalos, animais vitais para a cultura e a economia daquele território, interagem bem com



Acima, em sentido horário, banca no Mercado Municipal de Soure, barco à margem do Rio Paracauari e prato feito com filé de búfalo e queijo de búfalo



Acima, queijo de búfala produzido na Fazenda Mironga, pão “caseirinho” direto do forno em padaria em Barra Velha e doces de leite produzidos e servidos na experiência de degustação da Fazenda Mironga

o mangue por gostar de água e sombra. Encontram-se por toda parte: praias, ruas, praças, estradas. São eles os verdadeiros donos daquela terra.

Sua carne está presente em pratos típicos, como o filé marajoara e o frito do vaqueiro. Além da carne, o queijo feito de seu leite é um alimento de imensa importância cultural no Marajó, tendo obtido o reconhecimento de indicação geográfica desde 2021. O contexto dessa importância pode ser compreendido na interação com produtores locais, como a Fazenda Mironga, que recebe grupos em visitas guiadas – uma experiência que se encerra com um café da tarde em que, além do queijo, brilham o delicioso doce de leite de búfala de produção própria, bolos, sucos de frutas e ótimas tapiocas. No belo cenário da propriedade, aprende-se muito sobre o queijo símbolo da região, que é uma companhia indispensável ao pão caseirinho nos cafés da manhã de Soure.

Esse pão alongado, nomeado no diminutivo, é a resposta paraense ao pão francês, onipresente em tantos lugares do Brasil. O bairro de Barra Velha abriga uma antiga padaria onde ele ainda é feito manualmente e assado em forno a lenha.

Embora a dupla pão caseirinho com queijo do Marajó seja uma presença obrigatória nos desjejuns das pousadas locais, sugiro que o visi-



Ao lado, manhã ensolarada na Praia de Barra Velha, uma das mais bonitas de Soure

tante tire ao menos um dia para saboreá-la no Mercado Municipal da cidade, na bucólica praça à sua frente, onde há mesas sob as árvores. Outro lugar que serve uma versão particularmente boa da dupla é a tapiocaria Dona Bila, onde o queijo é gratinado.

Sejam os séculos de produção do queijo batizado com o nome da ilha, sejam os milhares de anos que habitam os grafismos da cerâmica marajoara ou as

evocações imemoriais que soam nos tambores do carimbó, tudo em Soure é oração ao tempo e mantém um constante diálogo com a ancestralidade.

Em um mundo onde a massificação do turismo atinge uma velocidade impressionante, a capital informal do Marajó ainda é um dos destinos profundamente autênticos que o Brasil tem a oferecer ao viajante, qualquer que seja sua origem. 📍





AVENTURA

Dias de Indiana Jones

*Pirâmides, vulcões, templos, cavernas
e cenotes: uma jornada épica de três semanas
pela Guatemala, Belize e México, explorando
sítios arqueológicos e lugares sagrados
da milenar civilização maia*

POR DANIEL NUNES GONÇALVES



E

u abaixo a cabeça, assustado com o voo rasante de um morcego, que parece não acostumado a visitas noturnas nesses confins florestais da América Central. Passa das 22 horas nas ruínas de Uaxactun, um desconhecido sítio arqueológico maia no norte da Guatemala. Ainda ressabiado depois de ter visto uma cobra na trilha, ilumino meus pés com a luz da lanterna de cabeça para estar seguro de onde piso. Mal posso acreditar quando me deito para contemplar o céu estrelado. Absorto pelos sons dos macacos uivantes e das cigarras na mata, relaxo em um terraço de pirâmide de um dos mais antigos observatórios astronômicos do planeta, entre construções que datam por volta do ano 500 a.C. A civilização maia floresceu há 3 mil anos e dominava saberes

como a astronomia, a arquitetura e a escrita. Organizada em cidades-estados, espalhou-se pelo território onde hoje ficam Guatemala, Belize, Honduras, El Salvador e México. É parte dessa fascinante Rota Maia que estou descobrindo, feito um Indiana Jones, em uma jornada de três semanas.



Acima, em sentido horário, o mirante da Ilha de San Juan La Laguna, mercado de rua de Chichicastenango, considerado o maior da América Central, e o Lago Atitlán, na Guatemala. Na página ao lado, céu estrelado no observatório astronômico de Uaxactun, também na Guatemala

OS MAIAS NÃO DESAPARECERAM

Primeiro dos nove sítios arqueológicos da minha Rota Maia, o povoado de Uaxactun foi reconhecido pelas Nações Unidas como a Melhor Vila Turística de 2024 por encantar os poucos visitantes com experiências de viagem conduzidas pela própria comunidade. Da história à gastronomia, dos rituais ao artesanato, meus anfitriões, Carlos Vivar, Dominga Choc e Eswin Nuñez, apresentam orgulhosamente a herança maia, de antepassados que sempre ocuparam aquelas terras. “Mais de 40% da população da Guatemala se reconhece como maia, falando mais de 20 línguas, o que mostra que nossa cultura continua viva”, diz Carlos. A afirmação contradiz a lenda de que essa civilização poderosa – que no auge do Período Clássico, nos anos 900, pode ter tido 15 milhões de habitantes – teria deixado de existir subitamente. “O mistério é o esvaziamento das grandes cidades, que realmente foram evacuadas”, conta Dominga. “Mas nosso povo nunca morreu.”

RITUAL DO FOGO SAGRADO

A cultura maia se mostra rica desde o início da minha viagem, uma semana atrás, quando desembarquei do voo na Cidade da Guatemala e passei a visitar, por terra, o sul do país. Na charmosa Antigua, a capital até 1776, provo as influências dos povos originários que se fazem presentes na culinária: as *tortillas* de milho são o prato do dia desde antes da invasão dos colonizadores espanhóis, nos anos 1520. Considerado “o umbigo do mundo” pelos maias, o lindo Lago Atitlán mescla elementos de rituais milenares com imagens cristãs nas igrejas e nos mirantes de seus povoados. E Chichicastenango, a sede do maior mercado de rua da América Central, vive colorida pelos *huipiles*, os trajes tradicionais das mulheres. Perto da feira, participo de uma típica cerimônia de agradecimento em volta do fogo, conduzida pelo xamã maia Miguel León, nos fundos de sua humilde casa. “Aprendemos com os ancestrais a queimar velas, incensos, doces e be-



bidas alcoólicas em oferenda aos espíritos da natureza que nos protegem”, conta.

AVENTURA NO VULCÃO ACATENANGO

Considerados sagrados pelos maias, os 37 vulcões da Guatemala embelezam a paisagem e instigam os viajantes bem preparados a encarar o desafio de subir até o topo. A partir de Antigua, escolho atingir o Acatenango, com desafiantes 3.976 m de altitude. O trecho final da dura subida serve de mirante para o vizinho Fuego, um vulcão ativo, que frequentemente expele lava, fumaça cinza e sons de explosões. A experiência de contemplar a boca incandescente do Fuego em meio às estrelas e ver o Sol nascer do topo do Acatenango é tão fascinante quanto amedrontadora. Não por acaso, os antigos maias entendiam as erupções como sendo um sinal da ira dos deuses e faziam rituais para apaziguá-los.

TIKAL, NO CORAÇÃO DO MUNDO MAIA

São 4 horas de outra manhã quando pego a pulseira de acesso para realizar o sonho de adentrar o lugar que me atraiu até aqui: Tikal. Uma das mais poderosas metrópoles maias, esse sítio arqueológico, eleito como um Patrimônio Mundial pela UNESCO, começa a revelar, ainda na escuridão, suas construções

espetaculares. Para chegar, tive que voar desde a Cidade da Guatemala até a pequena Flores, base para explorar Petén, a principal região arqueológica do país. Depois de percorrer os primeiros quilômetros de trilhas do Parque Nacional de Tikal, vejo os monumentos do Período Clássico (entre os anos 300 e 900) se agigantarem na minha frente: com cerca de 40 m de altura, os Templos do Grande Jaguar e das Máscaras se confrontam, em lados opostos da clareira cerimonial Gran Plaza. Subo os 60 m do Templo IV, ao som das aves, para ver o Sol dourando o topo das pirâmides, que vou visitar por dois dias. Elas despontam na mata da Reserva Maia da Biosfera.

REVOLUÇÃO NA ARQUEOLOGIA

“Sabemos hoje muito mais sobre os maias do que dez anos atrás”, diz Milton Lopez, guia há 16 anos, enquanto caminhamos por Yaxhá, outro belo sítio arqueológico nas redondezas. Milton narra histórias sobre sacrifícios humanos, jogos de bola maias e calendários enigmáticos, além de detalhar a revolução na arqueologia gerada pela tecnologia Lidar. Desde 2016, o “escaneamento a laser” da floresta, feito em sobrevoos, gera imagens que removem de forma digital a cobertura da mata, revelando tridimensionalmente o que há de concreto no solo: pirâmides,

Nesta página, as ruínas maias de Tikal, as mais famosas e mais bem conservadas da Guatemala. Na página ao lado, o Vulcão Fuego, visto a partir da trilha pelo Vulcão Acatenango





Em sentido horário, o Cenote Ik Kil, em Chichén Itzá, no México, o sítio arqueológico de Xunantunich, em Belize, e máscaras de animais na decoração do hotel La Lancha, na Guatemala. Na página ao lado, vendedora de tecidos em Antigua, na Guatemala

muros, cidades inteiras. “Descobrimos 8 mil quilômetros quadrados de assentamentos maias na última década. Dezesesseis vezes mais do que os 500 km² encontrados em mais de 100 anos de pesquisa”, estima Francisco Estrada-Belli, arqueólogo da National Geographic Society, que vi palestrar em Antigua dias antes. Italiano radicado na Guatemala, Francisco achou relíquias valiosas em sítios como Holmul e Chochkitam, onde conduz tours exclusivos em suas escavações. O turismo arqueológico no território maia permite que viajantes curiosos possam visitar, em voos de helicóptero ou *trekkings* de quatro dias, o remoto El Mirador – um sítio maior e mais antigo que Tikal, pois data do período Pré-Clássico Maia (entre os anos 1000 a.C. e 300 d.C.).

ESQUELETO NA CAVERNA

Com minúsculas conchas em forma de caracol encontradas no solo, o sítio arqueológico de Caracol, já em Belize, foi um dos pioneiros no uso do Lidar para estudos arqueológicos, ainda em 2009. Na terceira semana da viagem, cruza a fronteira terrestre a partir da Guatemala para visitar Caracol e também as ruínas da vizinha Xunantunich. A maior surpresa, porém, não está na superfície, mas no subterrâneo. Não tão longe dali, ao entrar na caverna ATM, a abreviatura do nome maia Actun Tunichil Muknal, entendo por que esse sítio arqueológico está no topo da lista mundial de cavernas sagradas a serem visitadas, segun-

As influências dos povos originários se fazem presentes nos vestígios arqueológicos, na cultura, nas tradições e na gastronomia



FOTOS DANIEL NUNES E TURISMO DE BELIZE



Sítio Arqueológico
de Caracol, em Belize,
perto da fronteira
com a Guatemala



Ao lado, vila com piscina do hotel Blancaneaux, em Belize. Abaixo, quarto do hotel La Lancha, na Guatemala, e vista sobre o lindíssimo Blancaneaux. Na página ao lado, o Turtle Inn: todos da coleção do cineasta Francis Ford Coppola



do a National Geographic. Para explorá-la, preciso caminhar por uma trilha que cruza três rios, com água na cintura, entrar nadando pela boca da gruta e me desviar de estalactites e estalagmites por mais de três claustrofóbicas horas. Ao fim da saga, entre morcegos e aranhas, encontro intactos esqueletos, crânios e vasos cerimoniais datados do ano 900. Mais Indiana Jones, impossível.

BÊNÇÃO NAS ÁGUAS DOS CENOTES

A ciência não sabe o que causou o esvaziamento das cidades maias pré-colombianas. Podem ter ocorrido desafios ambientais, como a seca, ou conflitos entre etnias. O certo é que os maias subiram rumo ao norte, para a Península de Yucatán, no México. Por terra,

sigo esse rastro até os últimos assentamentos maias, no país vizinho, que recentemente passou a conectar vários parques arqueológicos com o Tren Maya. Tulum, a única ruína à beira-mar, e a monumental Chichen-Itzá, mais turística, datam do Período Pós-Clássico, contado desde o ano 900 até a chegada dos espanhóis, no início dos anos 1500. Ambas são rodeadas pelos cenotes, como são chamados os mais de 7 mil poços de água doce e cristalina, muitos deles em cavernas, que só existem em Yucatán e também eram sagrados para os maias. Mergulho em dois deles – Dos Ojos e Ik Kil –, antes de pegar o voo de volta de Cancún ao Brasil. Como aprendi com os maias, ritualizo e agradeço os espíritos da natureza pela dádiva de estar em sua terra sagrada.

AVENTURA COM CONFORTO

Testamos dois incríveis hotéis boutique à beira do Lago Petén Itzá, a base para conhecer os principais sítios arqueológicos da Guatemala, como Tikal. O refinado Bolontiku, da Cayuga Collections, com quartos e piscina de encher os olhos, e o La Lancha, da The Family Coppola Hideaways, que capricha na decoração cinematográfica com arte maia selecionada a dedo por Eleanor, a esposa do cineasta.

Eterno mito do cinema, Francis Ford Coppola ama tanto a região que é o poderoso chefe de outros três hotéis na vizinha Belize. Sua casa de campo fica na Reserva de Mountain Pine Ridge. Também com uma carta de vinhos de sua própria vinícola no restaurante, o Blancaneaux Lodge é o ponto de partida para Xunantunich, Caracol e a caverna ATM. Uma desviada para o litoral sul leva à pacata Placencia, onde o Turtle Inn estende a qualidade Coppola aos cênicos bangalôs à beira-mar.

Já no sul da Guatemala, o histórico Hotel Atitlán fica em um recanto tranquilo de Panajachel, de onde saem os barcos para os povoados maias tradicionais. Com jardim e piscina espetaculares à beira do Lago Atitlán, a antiga fazenda de café se diferencia pelo estilo colonial.

Para desenhar roteiros sob medida pela Rota Maia, na América Central e no México, a operadora Beyond Viaventure é a mais reconhecida. Ela organiza tours de helicóptero para conhecer El Mirador e de 4x4 para Holmul, tendo como guia o arqueólogo Francisco Estrada-Belli. 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br

ESPECIAL

A arte viva da Ilha de Benquerria

O singelo e grandioso Arquipélago de Bazaruto, um pedaço de paraíso moçambicano, emociona pela natureza surrealista, pela abundante diversidade de vida animal e por um povo que transcende a beleza de viver com simplicidade

POR CAROLINA SAGESSER RODRIGUES
FOTOS VICTOR COLLOR



Flamingos sobrevoam praias na Ilha de Benguerra. Na página ao lado, a diversidade colorida do mundo marinho na ilha



Cada pessoa guarda dentro de si um museu de memórias, com a curadoria moldada pelas experiências da vida. No meu acervo, conservo coleções de cenas, sons e paisagens, dispostas em salas organizadas pelas emoções que senti no instante em que nasceram. Há uma exposição permanente com os horizontes mais lindos que já vi, preservada em uma seleção limitada de fotografias. No centro dessa galeria está a minha obra-prima: a imagem caleidoscópica do mar do Arquipélago de Bazaruto, visto do alto da duna da ilha homônima. Naquele momento, tive a impressão de estar sonhando.

Felizmente, voltei e trouxe comigo novas lembranças, captadas no embalo do passo orgânico de Benguerra, um canto lapidado pela natureza e cuidado pela gentileza dos Mahoca, seus habitantes.

O voo de helicóptero, com a duração de menos de dez minutos, já desperta a dúvida se a miragem é mesmo real. Ao decolar do aeroporto de Vilanculos, em Moçambique, no sudeste da costa africana, uma combinação de fatores é responsável por sua formação singular: a areia finíssima que reflete o sol, os bancos claros, que se reinventam com as marés, as águas rasas, que mudam em profundidade e tonalidade, os recifes de coral e as pradarias marinhas, que acrescentam nuances esverdeadas, e a luz tropical, que intensifica cada contraste. O resultado é uma aquarela em constante transformação, espalhada por cinco ilhas e um Parque Nacional de 1.430 km², onde a sensação hipnótica é um convite a desacelerar e adentrar esse universo cósmico.

KISAWA: UM SANTUÁRIO VIVO

Minha casa nesse paraíso é o visionário e deslumbrante Kisawa Sanctuary: uma iniciativa que costura elegância natural e responsabilidade ambiental e social, redesenhando o significado do luxo. Traduzido como “inquebrável”, expressa o compromisso de construir um laço sólido entre os viajantes, a natureza e a comunidade e reforça a identidade de Benguerra. Cada vila é atendida por um mordomo: eu sou apresentada a Luvia, que já me instiga a acionar a velocidade da tranquilidade. Com delicadeza, dirigindo um Mini Moke – um jipe elétrico estiloso –, ela me apresenta a propriedade, de 300 hectares, com destaque para três restaurantes (um deles baseado nos bares da região), spa, com um cardápio invejável de tratamentos, academia, com sala de ioga e pilates, piscina e centro de esportes aquáticos. Tudo isso para apenas oito residências.

Fisgada pelo encantamento da ilha, Nina Flohr, idealizadora do projeto, trabalhou meticulosamente para trazer o santuário à vida. A arquitetura, belamente concebida para ter o mínimo de impacto e a máxima integração com o ambiente, foi inspirada nas casas nativas. Chego à minha *cove* e as expectativas conseguem ser superadas: duas vilas com mais de 200 m², cada uma, deque com piscina e área de lazer. A mistura de inovação e tradição direcionou sua implementação, combinando obras de artistas da comunidade e construções em 3D. Cobertas por um tipo de palha local, com curvas suaves que imitam as dunas, o *design* se aconchega perfeitamente à paisagem – mais um auxílio no acesso a novas camadas do meu bem-estar.

Na primeira manhã, encontro-me com Querino, o responsável pelas experiências e meu guia nesses dias. Ele está no projeto desde a sua concepção, dez anos atrás, e conta sobre dois processos de resgate de Benguerra, alinhados com a seriedade do Kisawa. O primeiro é o reconhecimento da cultura, com o levantamento do censo (resultado: 2.003 pessoas, com nomes como João, Agostinho, Maria e Joana) e a transcrição da história dessas vidas no livro *A Memoir*, feito em parceria com o morador João Lassane Zivane. Os indígenas dessas terras, cuja presença data desde o fim do século III, sofreram com a colonização portuguesa, até migrarem para o continente, no século XIX. Logo após esse período, porém, outros povos encontraram um refúgio na região, criando a população Mahoca. O segundo é o cuidado com a preservação do fundo do mar, com a criação do BCSS, o primeiro observatório oceânico permanente da África, que realiza o monitoramento contínuo de ecossistemas, gera dados científicos e forma pesquisadores.

Entre junho e outubro baleias jubarte visitam o arquipélago na época de dar à luz aos seus filhotes

NATUREZA SURREALISTA

No dia seguinte, eu embarco rumo ao avistamento de baleias jubarte, que escolhem essas águas seguras para se reproduzir. No caminho, busco Victor, o fotógrafo desta matéria, em um mergulho de cilindro. “Amo mergulhar porque fico uma hora em silêncio”, comenta, descrevendo o que viu, como o encontro sensível com um dugongo, uma espécie de peixe-boi, inédito inclusive para Sindra, instrutora do BCSS. Pouco tempo depois, entre seres imensos e humildes, que buscam a superfície apenas para respirar, acompanho pela primeira vez o salto de uma jubarte, que voa em câmera lenta pelos ares. Mais um espetáculo da natureza que entra no topo das cenas icônicas do meu museu.

Era chegada a hora de reviver a minha obra-prima. O dia nasceu ensolarado, diferente dos anteriores, nublados, como se soubesse a minha rota. Após uma hora de barco – com golfinhos saltando, silhuetas de tartarugas à vista e voos de flamingos como acompanhantes –, subo a duna da Ilha de Bazaruto, vizinha de Benguerra, e atesto que aquela segue sendo a fotografia mais linda que enxerguei na vida. Meus companheiros concordam, e o retrato iluminado pelo sol, com tons de azul e bancos de areia, parece ainda mais vívido. Seguimos para a Ilha de Santa Carolina, um pedaço de terra de 154 hectares de beleza pura, morada das ruínas de um hotel dos anos 1970 abandonado. Aqui quem brilha são as criaturas marinhas: em dois mergulhos de *snorkel*, flagro arraias, incontáveis espécies coloridas de peixe, conchas e corais. E dessa vez concordo com Victor: a sinfonia marinha intensifica a experiência subaquática.



Acima, observação de baleias jubarte e barco típico de pesca abandonado



Moradores da comunidade local na pesca artesanal. Na outra página, peixe assado conforme a tradição Mahoca, música e dança típica marrabenta; união e alegria





Vista do alto da duna
da Ilha de Bazaruto que
faz parte do arquipélago



GUARDIÕES DO PARAÍSO

Se eu achava que a natureza estaria isolada no centro da exposição, o encontro com o modo de vida *mahoca* se revelou uma arte viva. O primeiro contato, mais descontraído, aconteceu após as tarefas do ofício. O povo de Benguerra tem sua subsistência concentrada na pesca e no cultivo de *millet*, práticas mantidas desde que se refugiaram dos colonos portugueses, no final do século XIX. Da praia, seguiam para os campos de futebol, onde cada um carregava o nome de um craque atual, como Messi e Rafinha, enquanto outros chacoalhavam os quadris ao ritmo de músicas contemporâneas, nas chamadas *barracas*, um tipo de boteco. Como bons brasileiros, claro que nos juntamos a eles, regados a cervejas e risadas sem fim.

A segunda troca teve o apoio de Querino, que tem dedicado sua energia a reacender a história dos nativos. O laço coletivo é bem presente na comunidade. Sob o holofote do pôr do sol, fui recebida por dezenas de Mahoca, com trajes coloridos e instrumentos criativamente feitos com latas de refrigerantes, reproduzindo a *semba* – uma dança em círculo com dois integrantes ao centro – e canções *marra-bentas*. Dois irmãos, Nelson e Alves, nos cativam em especial, com movimentos em uma bateria improvisada, com lataria e baquetas feitas de galhos. “DJ Nelson é muito bom” vira um coro em uníssono entre todos nós. Com certeza, a familiaridade da língua cria certo senso de pertencimento, e perco a noção de tempo.



Acima, a piscina particular de uma das vilas do Kisawa Sanctuary, o BCSS, centro de pesquisas do oceano conduzido pelo Kisawa, e o spa do mesmo hotel, com arquitetura inspirada pelas casas locais. Na página ao lado, área externa e interna das vilas

Na última cena, estou sentada com meus companheiros de viagem ao redor de uma fogueira, enquanto o fogo e as histórias se entrelaçam. Bernardo, pescador e pai de família, manuseia alguns carapaus em uma folha de palmeira, criando uma espécie de grelha. Enquanto o peixe assa, Querino – com a ajuda de Maria, chefe de família e guardiã da sensibilidade da casa – explica como funciona o ritual na hora da refeição, que acontece à mesa: a

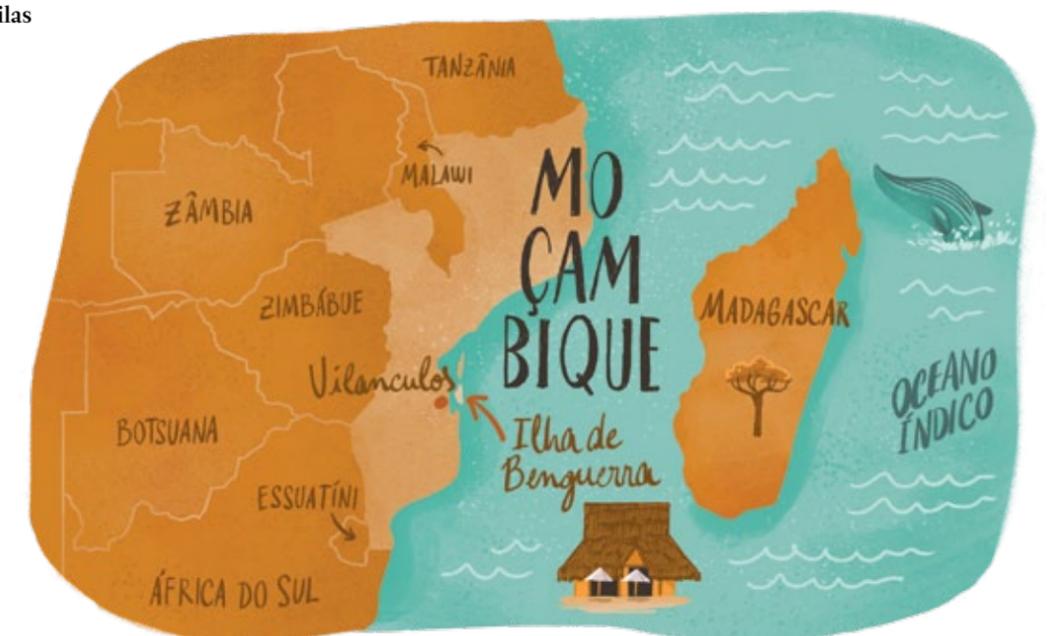
mulher serve um prato de comida para cada duas pessoas, que o dividem como um gesto de amor.

Nessas horas, a natureza se funde aos humanos, lembrando-me de que somos todos parte de uma mesma matéria viva. Percebo que voltar à minha realidade será um desafio, uma vez que a simplicidade e esses momentos de afeto me aproximam puramente da minha essência. São ensinamentos que pulsam no compasso do meu coração. 📍

BENEFÍCIOS EXCLUSIVOS UNQUIET



Aponte a câmera do seu celular para acessar o QR code ou revistaunquiet.com.br



O mundo em mim

Os ensinamentos da natureza, as culturas assimiladas, a gentileza e a troca com antigos e novos povos moldaram a minha alma de viajante, que há cinco anos divido com os leitores nas páginas da UNQUIET

POR CORINNA SAGESSER ILUSTRAÇÃO CLAUDIA PROUSHAN

Infância na Suíça, safáris na África, budismo na Ásia – e o Brasil no centro da bússola. Viajar faz parte da minha vida desde pequena. Sou filha de pai e mãe suíços e, ainda criança, entendi que essas viagens acompanhariam minha infância e adolescência. Num cenário de sonho, aprendi e pratiquei esportes de inverno e de verão. As montanhas me ensinaram a superar limites e a respeitar a natureza. Nesse ritmo, a Europa veio como uma sala de aula. Mas eu aprendia muito além dos monumentos famosos e de toda a história que eles carregam. Pude ter contato com diferentes culturas, aromas e sabores e cultivei a educação que nasce do respeito aos costumes e às tradições locais (o verdadeiro idioma universal).

Sempre quis conhecer a África, e fui. Nos safáris, vi os animais passarem perto o bastante para mudar meu olhar. Com cada pessoa que conheci, aprendi sobre novas culturas e tradições, e minha visão de mundo se expandiu. Todas essas experiências foram transformadoras e me fizeram sentir a força e a grandiosidade daquele continente imenso, um entendimento mais profundo de mim mesma e das origens do ser humano. Voltei muitas vezes a vários países africanos. É onde sinto o pulsar da Terra, no ritmo que se repete há milhões de anos.

Outro sonho antigo era conhecer desertos, principalmente o Saara. E isso aconteceu muitos anos atrás. Lembro-me de chegar e caminhar duna após duna, sentindo uma energia muito forte. O único som era o do vento. Toda aquela vastidão e as cores do céu e da areia me deram uma sensação simples e definitiva: eu pertencia àquele silêncio. Viriam também outros desertos, na Jordânia, no Egito, na Namíbia e os de Utah e Arizona, nos Estados Unidos, com suas formações majestosas, a presença dos povos ancestrais e a certeza de que tradições que atravessam milênios continuam ali, firmes.

Na Ásia, o budismo e sua filosofia me ensinaram que jornadas de autoconhecimento colocam a natureza no tamanho certo. Quando cada coisa ocupa seu lugar, a paz interior não se anuncia. Apenas se instala. Viajei também pela América do Sul. Do Salar de Uyuni, na Bolívia, ao Deserto do Atacama, no Chile, me vi inserida em paisagens impressionantes, dessas que nos fotografam por dentro, sem pedir autorização.

E houve, claro, o Brasil. Cruzei desde praias de água cristalina até florestas imponentes que quase tocam o céu (e às vezes, pelo menos, mexem nas nuvens). Percorri lugares de contrastes admiráveis, onde aridez e beleza se encontram. E conheci gente de sorriso fácil, um jeito de receber e ensinar sem discurso. Para mim, cada viagem é uma jornada de descoberta. O mundo se revela em cada lugar, e a gente aprende sem fronteiras nem limites. Em cada destino, há uma história para contar. A cada pessoa, um ensinamento para aprender. A alma se expande. O coração se abre. Viajar é fascinante porque nos faz descobrir o mundo e a nós mesmos. 📍



Inspiradores



FOTO FOLHAPRESS

LUÍS FERNANDO VERÍSSIMO (1936-2025)

Luís Fernando Veríssimo se aproximou de seus leitores de forma quase íntima, como quem entra na casa de cada um deles e observa, de perto, cada hábito, cada conversa, cada trivialidade. Todos se viam, de alguma forma, retratados pelo autor em suas crônicas, seus livros, seus roteiros adaptados e suas colunas. O grande cronista da vida e do cotidiano também foi um grande viajante. Além de ter percorrido a alma humana e o tempo, ele passou boa parte de sua vida como um observador do mundo e de suas culturas.

Veríssimo transformou cada viagem em uma lente única. Paris, cidade que conheceu aos 22 anos, tornou-se um refúgio constante. Percorrer o Champs de Mars, sentir a brisa da cidade, cruzar a Champs-Élysées pela primeira vez, tudo isso se converteu em memória e inspiração, materializando-se mais tarde em *Traçando Paris*, em que cada rua, café e esquina é narrada com afeto e humor refinado. Nova York e Washington, onde viveu entre 1980 e 1981, ofereceram-lhe a vivência do cotidiano norte-americano, com sua arquitetura, seu ritmo e sua energia urbana, que ele capturava com lucidez e leveza.

Seus livros da série *Traçando*, em parceria com o ilustrador Joaquim da Fonseca, transformam cada viagem em um mapa cultural, mas estão longe de ser guias turísticos convencionais. Em *Traçando Japão*, o leitor percorre os contrastes da cultura milenar japonesa e, em *Traçando Madrid*, passeia ao lado do fantasma de Goya pelos museus e restaurantes da capital espanhola. *Traçando Roma* revela a riqueza cotidiana de uma cidade de contrastes, captando o espírito do povo italiano com olhar atento e humor sutil.

Mesmo Porto Alegre, sua cidade natal, é revisitada com sensibilidade. Em *Traçando Porto Alegre*, sua sagacidade consegue transformar o familiar em descobertas literárias que sempre causam curiosidade e encantamento. Cada viagem é, assim, uma exploração da vida, das pessoas e das histórias que se escondem em pequenos gestos do cotidiano, permitindo ao leitor percorrer o mundo ao lado de Veríssimo. 📍



NOVA
SPORTSTER™ S
2025
NASCIDA PARA REVOLUCIONAR.



PRODUZIDO
NO POLO INDUSTRIAL
DE MANAUS
CONHEÇA A AMAZÔNIA



DESACELERE.
SEU BEM MAIOR É A VIDA.

Imagens meramente ilustrativas. Os veículos apresentados poderão variar visualmente e diferir dos veículos fabricados e entregues. A disponibilidade pode variar conforme o mercado.



*Boas Festas

MONTBLANC

Happy Holidays*
montblanc.com.br